



ANA GABRIELA VILHENA DE MELLO SANTOS

**SOBRE AS NOÇÕES DE “SER” E “SUBSTÂNCIA” NA METAFÍSICA DE
ARISTÓTELES**

LAVRAS - MG

2022

ANA GABRIELA VILHENA DE MELLO SANTOS

**SOBRE AS NOÇÕES DE “SER” E “SUBSTÂNCIA” NA METAFÍSICA DE
ARISTÓTELES**

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do Curso
de Filosofia, para a obtenção do
título de Licenciado.

Prof.(a) Dr.(a) Meline Costa Sousa
Orientadora

LAVRAS - MG

2022

Ao meu pai.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por ter me concedido a graça de chegar ao final desta caminhada marcada por desafios e dificuldades, mas também por um sólido conhecimento profissional que adquiri ao longo do curso de graduação em Filosofia. À Universidade Federal de Lavras (UFLA), por ter me acolhido e mudado a minha vida, sou grata por toda a estrutura que a faculdade me ofereceu. Quero agradecer ao corpo docente do Curso de Filosofia que, com os seus profundos conhecimentos, contribuíram para a minha formação profissional e pessoal. À minha querida orientadora, professora Dr. (a) Meline Costa Sousa, deixo registrado meus agradecimentos por todos os sábios ensinamentos de Aristóteles, Filosofia Medieval, e conselhos que foram fundamentais para o meu desenvolvimento dentro do curso de Licenciatura em Filosofia e também na caminhada de pesquisadora em Filosofia Antiga. A senhora além de apoiar minhas decisões, me ajudar, aconselhar, me acalmar, ainda fez todo o possível para que eu atingisse meus objetivos, sou imensamente grata por ter sido sua orientanda, minha vida foi transformada pela sua orientação. Digo com grande satisfação que a senhora é uma excelente professora. Também agradeço ao coordenador do curso, prof. Dr. Arthur Klik de Lima, por todo o apoio em minha caminhada acadêmica, pela disposição e carisma, sempre apoiando os alunos, muito obrigada.

Agradeço ao professor James, responsável pela disciplina de Filosofia no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Lavras/MG. Ele foi meu supervisor durante os estágios 3 e 4, momento que pude conhecer como é lecionar filosofia no ensino médio e aprender na prática como um professor atua, o senhor me ensinou sobre a vida através da filosofia e pude descobrir uma grande amizade com o senhor. No Colégio de Lourdes conquistei grandes amizades, especialmente a coordenadora do ensino médio, Sheilla Maria, mulher fantástica que me apoiou em minha caminhada e não mediu esforços para me ajudar, obrigada minha querida amiga.

Ao meu querido companheiro de turma, Júlio Rielle, que considero como se fosse da minha família. Foram muitos os momentos em que debatíamos ideias, conversávamos sobre tudo, e graças a sua amizade eu tive companhia para conversar diariamente sobre Aristóteles. Tivemos momentos difíceis no estudo da filosofia do estagira, mas graças a sua amizade, esses momentos difíceis me fortaleceram. Graças a sua amizade, eu tive os melhores anos de minha vida cursando Filosofia. Agradeço

também a Elizabeth, mulher sábia e proprietária da cafeteria e livraria Sabor e Arte, Lavras/MG, lugar que pude estudar filosofia e beber cappuccino durante todos os anos de graduação, guardo lembranças incríveis e sou grata por ter utilizado seu espaço para reflexões filosóficas, ora sozinha, ora com meu amigo Júlio. Obrigada pela senhora ter participado indiretamente com os meus estudos.

À minha família, em especial meu pai. Reconheço e agradeço o inestimável e importante apoio, amor e compreensão que foram dedicados a mim pelo meu querido pai Celestino, saiba que muitas vezes senti o tocar de suas mãos no meu ombro em sinal de consolo, sempre notei seus passos ao lado dos meus. Sabia que não estava sozinha. Sua imagem sempre esteve em meus pensamentos, e busco em minha caminhada me aproximar do senhor. Poucas pessoas reconhecem o valor do meu curso, e sou grata por ter um pai que respeita e admira os ensinamentos desta linda Filosofia. O senhor sempre estará no meu coração, obrigada por ser o meu pai. Por fim, agradeço à Filosofia por me escolher para estudar e admirar tamanho conhecimento. Ainda não me sinto digna de sua grandiosidade, mas aos poucos, timidamente, me aproximo de ti.

Todos os homens por natureza propendem ao saber. (*Met.* A 1 980a)

(...) Ele [Aristóteles] é um dos mais ricos e universais (profundos) gênios científicos que jamais existiram, um homem ao qual nenhuma época pode pôr ao lado um igual. Hegel, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, in *Samtliche Werke*, Bd. 18. Ed. Glockner, p. 298.

RESUMO

A *Metafísica* é uma das obras fundamentais do pensamento ocidental na qual Aristóteles estabelece um campo de investigação, a metafísica, e a figura de um homem de saber, o metafísico. Ela estuda o ser enquanto ser, independentemente das características específicas que algo tenha. Assim, ela estuda o ser na medida em que é, tratando-se do estudo mais geral da realidade que abarca todos os existentes. Em G 1 1003a21-b1, Aristóteles estabelece um projeto de trabalho que indica as perspectivas a partir das quais a questão do ser “τὸ ὄν” será abordada. Este projeto é a definição da filosofia primeira como ciência do ser enquanto ser (τὸ ὄν ἢ ὄν). E apesar da pluralidade e dispersão de significados que o termo “ser” e a expressão “o que é” implicam, tal ciência é possível na medida em que todos esses significados remetem a um sentido primeiro e fundamental que os unifica, a substância (οὐσία). Porém, as definições de substância alimentam as dificuldades relacionadas ao próprio texto, as quais dizem respeito à dificuldade de compreensão do texto dadas algumas passagens de difícil tradução e à incompatibilidade entre os candidatos elegíveis a título de substância. Embora o tema proposto seja complexo dada a multiplicidade de sentidos de ser e de substância, a pesquisa é dedicada a apresentar as diferentes acepções que os termos apresentam para analisar, brevemente, a existência de uma teoria da substância que ocupa o lugar do ser na *Metafísica*. Para isso, é necessário compreender o tipo de relação existente entre o ser e a substância. A partir das passagens analisadas, vemos que “o ser enquanto ser”, ou seja, o ser em sua própria natureza, refere-se, por um lado, a um tipo definido de ser, e, por outro lado, significa o ser divino e separado. Em G 2 vemos que “o ser se diz de muitos modos” (Τὸ ὄν δὲ λέγεται μὲν πολλαχῶς), mas sempre em referência a uma unidade. Assim, os modos segundo os quais o ser se apresenta disperso são as categorias, e a categoria da substância atua como ponto focal para entrelaçar essas categorias dispersas. Na análise do termo substância (οὐσία), encontramos como candidatos: a forma, a matéria, o universal, e o composto. Em vista de analisar o problema apontado, a pesquisa se dividiu em leitura e fichamento da biografia primária; livros G e Z da obra *Metafísica* de Aristóteles, delimitando o tema a ser abordado; levantamento de bibliografia secundária; elaboração e revisão do texto final.

Palavras-chave: Metafísica Aristotélica; Substância; Ser

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 SOBRE A METAFÍSICA E SEUS TEMAS PRINCIPAIS	10
1.2 Estrutura do TCC.....	11
2 CAPÍTULO 1: A sabedoria como uma ciência do ser enquanto ser (ontologia) .	13
2.1 – Sobre a sabedoria.....	13
2.2 A sabedoria como ciência das causas em Metafísica A .1-3	15
2.3 A sabedoria como ciência da verdade em Metafísica α 1-3	20
2.4 A sabedoria como ciência do ser em Metafísica G 1-2	22
2.5 Os múltiplos sentidos do ser: as categorias.....	24
2.6 O ser e o princípio da não-contradição.....	26
2.7 Terceiro excluído.....	27
3 CAPÍTULO 2 – Ciência da οὐσία (ousiologia).....	30
3.1 PANORAMA GERAL DA CIÊNCIA	30
3.2 DIFERENÇAS DAS CIÊNCIAS.....	32
3.3 SUBSTÂNCIA.....	35
3.4 A DOCTRINA DA SUBSTÂNCIA - OUSIOLOGIA	36
3.4.1 Ciência da substância em Z 1-3.....	36
3.4.2 Definição de essência aplicada às substâncias sensíveis: Z 4-6 e	
10-11.....	43
3.4.3 O vir a ser das substâncias sensíveis: Z 7-9.....	44
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
3.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
4 PLANO DE CURSO.....	51
4.1 INTRODUÇÃO.....	51
4.1.1 Análise da BNCC e do CBC/MG.....	52
4.1.2 A filosofia no ensino médio: pontos de vistas antes de depois da BNCC	
.....	53
4.1.3 Formação e Capacitação Docente: Debates sobre o ensino de Filosofia	
no ensino médio.....	54
4.2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVO GERAL.....	56
4.3 METODOLOGIA.....	56
4.3.1 ESTUDO DE CASO.....	58
4.3.1.1 Estrutura teórica da aula.....	58
4.3.1.1.1 Ensino médio.....	59
4.3.1.1.2 Ensino Superior.....	60
4.3.2 METODOLOGIAS ATIVAS ESCOLHIDAS.....	60
4.3.2.1 Brainstorming.....	60
4.3.2.2 Metodologia de Pesquisa.....	61

4.3.2.3 Metodologia de Problema.....	62
4.3.2.4 Aula expositiva dialogada.....	63
4.3.2.5 Recursos didáticos.....	64
4.3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DE CASO.....	64
4.4 ESQUEMATIZAÇÃO DAS AULAS.....	64
4.4.1 OBJETIVO DAS AULAS PROPOSTAS.....	66
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
4.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

A monografia deste trabalho de conclusão de curso tem como objeto de estudo uma introdução a respeito do termo ser e substância na *Metafísica* de Aristóteles.

1.1 SOBRE A METAFÍSICA E SEUS TEMAS PRINCIPAIS

Metafísica, (τὰ μετὰ τὰ φυσικά¹) é a designação para a ciência do que se situa “além” ou “por trás” da natureza., a qual deveria ser lida após os livros da *Física*². A obra consiste em uma série de tratados deixados por Aristóteles, filósofo grego do século IV a.C., e organizados por Andrônio de Rodes³ em uma única obra, totalizando quatorze livros numerados com as letras do alfabeto grego. Alguns desses livros são consagrados a cada uma dessas tendências de leitura apresentadas: os dois primeiros livros, A e α ἔλαττον, destacam a pesquisa dos primeiros princípios e causas; o livro G concerne notadamente à ontologia; já a doutrina da substância é desenvolvida nos livros centrais – Z, H e Q – e o livro L é visto como consagrado à pesquisa da teologia ou doutrina do ser supremo.

O termo “metafísica” não é empregado por Aristóteles em nenhum desses tratados. O filósofo utiliza a expressão filosofia primeira (πρώτη φιλοσοφία), sendo por isso identificada com a teologia (θεολογική), ou pura e simplesmente sabedoria (σοφία), ou ciência das causas primeiras, dos primeiros princípios e da finalidade de tudo o que

¹ O nome – em sua forma inicial τὰ μετὰ τὰ φυσικά – teria sido introduzido puramente como uma denominação paliativa de natureza editorial a partir do lugar que essa obra obteve na coleção dos escritos aristotélicos. Além disso, esse nome teria sido obtido por ocasião de uma compilação e ordenação do legado dos escritos aristotélicos – de acordo com a suposição corrente, a compilação feita por Andrônio de Rodes -, caso em que não se teria nenhum nome objetivo transmitido para os ensaios reunidos sob esse título. Somente mais tarde esse título se teria tornado indicação do conteúdo da obra e, então, convertido no termo conceitual ‘Metafísica’ como designação para a ciência do que se situa ‘além’ ou ‘por trás’ da natureza. (ZINGANO, 2009, p. 93.)

² *Física* é uma importante obra de filosofia de Aristóteles. É uma coleção de tratados, ou lições, que lidam com os princípios mais gerais (filosóficos) do movimento, tanto de seres vivos como de corpos inanimados, ao invés de teorias físicas no sentido atual ou investigações sobre um assunto particular do universo. Mudança, mutação ou movimento (*kinēsis*) é o tema principal da obra. A primeira edição completa de *Física* é a de Andrônio de Rodes, que organizou completamente a série de obras sobre física aristotélica, cosmologia e biologia, as quais são fundamentadas pela *Física*. O título em grego antigo desses tratados — τὰ φυσικά — significa sobre a natureza ou filosofia natural.

³ Andrônio de Rodes (fl. c. 60 a.C.) foi um filósofo grego, o décimo primeiro dos discípulos peripatéticos e último escolarca do Liceu, escola de Aristóteles. Sua principal contribuição foi a organização dos escritos de Aristóteles e de Teofrasto, a partir do material a ele fornecido por Tirânio. Antes dele, os diálogos de Aristóteles eram largamente conhecidos, mas os tratados tinham sido perdidos na obscuridade. Além de organizar os trabalhos, tudo indica que também escreveu paráfrases e comentários, que se perderam.

é, enquanto é. O termo “metafísica” é empregado por Andrônico como título desse conjunto de tratados que deveriam, então, ser lidos após os estudos da *Física*.

A sabedoria seria, assim, uma disciplina que Aristóteles apresentava ao seus estudantes como uma investigação de todas as coisas, pois uma das disputas filosóficas da Antiguidade grega girava em torno da questão do ser: *ti to on*, “o que é aquilo que é/o que é o ente”. Aristóteles, ao sistematizar as respostas apresentadas anteriormente e também ao investigar as dificuldades que cada uma apresentava, aprofundou grandiosamente esse estudo de modo a proceder uma ciência própria que cuidaria desses questionamentos. Esta seria a ciência primeira. Assim, observamos que:

A Metafísica limita-se a esclarecer os traços mais gerais que têm de ser satisfeitos por tudo aquilo que é, sem ser capaz de dizer o que cada coisa é. E se o teólogo, ou o cientista nos fornecem a mobília do mundo e as cores da vida, podem se ocupar disso porque o território de seus objetos foi demarcado pelo metafísico, e nisto reside a grandeza e o caráter tênue da tarefa metafísica segundo Aristóteles. (ZINGANO, 2009, p. 49-50)

1.2 Estrutura do TCC

A partir da leitura da *Metafísica* de Aristóteles que toma o ser, a substância, e outros conceitos correlatos, como temas centrais do tratado, este estudo é dedicado a algumas questões vinculadas ao termo “*τὸ ὄν*”, o objeto do livro *Gamma*, e também ao termo *οὐσία*, objeto do livro *Zeta*. Sendo assim, o presente trabalho fixará suas metas em torno da análise do “*τὸ ὄν*” no livro *Gamma* para analisar a ontologia aristotélica em seu projeto metafísico, pois em *Gamma* encontramos a definição da *Metafísica* como ciência do ser enquanto ser, e já no livro *Zeta* encontramos a doutrina da substância, por isso o presente trabalho fará destes livros o seu principal universo na discussão da ontologia e ousiologia.

Para tal investigação, o trabalho se divide em duas partes, nas quais, primeiramente discuto a ontologia aristotélica e a questão do ser e, posteriormente, analiso a substância e seus múltiplos sentidos. Após o mapeamento geral, será possível refletir sobre um possível caminho de investigação que aproxime a ontologia e a ousiologia apresentadas na *Metafísica* de Aristóteles.

Na primeira parte do texto, dedico a análise aos quatro primeiros livros da obra *Metaph.*, a saber, A, α ελαπτον, B, e Γ, de modo a analisar a filosofia primeira (sua natureza e seus objetos de investigação) para, em seguida, estabelecer uma relação entre

Gamma e o projeto de uma filosofia primeira, com o foco pensado sobre as ocorrências do termo “ $\tauὸ ὄν$ ”. A segunda parte do texto aborda a substância “ $οὐσία$ ” e analisa os livros depois de *Gamma*: *Δ*, *E* e *Z*.

2 CAPÍTULO 1: A sabedoria como uma ciência do ser enquanto ser (ontologia)

O objetivo deste capítulo é a análise dos quatro primeiros livros da obra *Metaph.*: A, α ελαττον, B, e Γ, de modo a analisar a filosofia primeira (sua natureza e seus objetos de investigação). Em seguida, será estabelecida uma relação entre o livro *Gamma* e o projeto de uma filosofia primeira, com o foco pensado nas ocorrências do termo “τὸ ὄν”, analisando, dessa forma, a ontologia na *Metafísica* de Aristóteles.

2.1 – Sobre a sabedoria

Analisando a abordagem do tratamento aristotélico do ser, vemos que há duas noções aparentemente contraditórias relativas à filosofia primeira que estão presentes no curso do próprio desenvolvimento de Aristóteles, de acordo com Owens (1951, p. 2), haveria uma visão anterior platônica e, posteriormente na mesma obra, uma visão propriamente aristotélica. Nesse estágio anterior, o objeto⁴ da ciência seria um tipo particular de ser, a saber, o ser supra-sensível ou imóvel. Na concepção posterior, “o objeto não seria um tipo particular de Ser, mas o Ser em geral, aplicável tanto ao Ser sensível quanto ao supra-sensível” (OWENS, 1951, p. 2). O primeiro passo para resolver este problema de dupla visão deve ser uma compreensão clara da doutrina do ser realmente contida no texto.

Na própria *Metafísica*, o estudo do ser se expressa de várias maneiras. Às vezes, a filosofia primeira é descrita como a ciência que trata dos mais altos princípios e causas das coisas⁵. Mais especificamente, parece como a investigação das causas do ser enquanto ser⁶. É também chamada de ciência que trata universalmente do ser enquanto ser, e não do ser particular⁷. Sendo assim, focada no ser divino e imóvel e chamada de teologia⁸. Nesse sentido teológico, trata do ser enquanto ser, que agora parece se tornar o equivalente ao ser separado. Em outros lugares, a filosofia primeira é a ciência da οὐσία (B 2,996b31; 997a1-2; I 1; Z 1,1028b4-7; Λ 1,1069a18), da οὐσία primeira (Γ 3,1005a35), das causas da οὐσία (Γ 2,1003b18/ H 1,1042a5; Λ 1,1069a18-19), ou as

⁴ Aristóteles não fala do objeto de uma ciência, ele apenas nomeia o que a ciência trata, seja no acusativo depois de um verbo, ou no genitivo depois de um substantivo, ou mais frequentemente com a preposição “sobre”. Os árabes de acordo com seu uso geral do particípio passivo para o objeto de qualquer atividade, empregaram o particípio “mawdu”, significando “o que é postulado”. Este era o mesmo termo que usavam para o sujeito da predicação. Já Aristóteles em K 4,1061b31, usa a palavra grega correspondente “ὑποχείμενα”, no plural, para as coisas das quais uma ciência trata. A tradução latina traduziu por “sujeito” da ciência.

⁵ A 1 982a1-3; 2 982b9-10

⁶ Γ 1 1003a26-23; Φ 1 1025b3-4; κ 3 1059a18-20.

⁷ Γ 1 1003a21-24; Κ 3 1060b31-32.

⁸ E 1 1026a19-23; Κ 7 1064b1-6.

causas das coisas divinas visíveis⁹. Todos esses diferentes modos de expressão poderiam denotar a mesma doutrina do ser? Para Owens

O próprio Aristóteles parece consciente de nenhuma inconsistência ou contradição nessas várias designações. Mesmo quando levanta uma questão que hoje parece trazer à tona uma antinomia, ele escreve como se desconhecesse qualquer dificuldade real. Ele não parece nem um pouco perturbado com o que muitos comentaristas modernos acham embaraçoso. No entanto, os textos deram origem a dificuldades consideráveis na história da interpretação aristotélica. [...] A longa tradição dos comentadores gregos parece ter sido bastante unânime na interpretação do ser aristotélico. Como estudado pela Filosofia Primeira, ser enquanto ser – ser em sua própria natureza – de alguma forma se referia a um tipo definido de ser, e em última análise, significava Ser divino e separado. (OWENS, 1951, p. 9)

Podemos analisar a partir de Teofrasto, que era herdeiro do Estagiária, e apesar de não ser um comentador de Aristóteles, no seu tratado conhecido como *Metafísica*, ele trata alguns dos principais problemas da Filosofia Primeira. Como sucessor imediato de seu mestre na escola peripatética, ele é testemunha da tradição aristotélica em seus primeiros estágios. O ser com o qual a ciência dos “primeiros” – não há substantivo no texto grego – é para Teofrasto o Ser divino. É algo definido e determinado. Não é um conceito abstrato ou mais geral, pois ele está localizado em um determinado tipo de Ser. Teofrasto não emprega a expressão “ser enquanto ser” em seu texto¹⁰, mas não há dúvidas, segundo Owens, de que “ele considera o estudo dos primeiros princípios de todas as coisas como a ciência do ser imutável, no sentido do Ser divino” (OWENS, 1951, p. 10)

Sendo assim, se faz necessário a análise dos textos que compõem a obra *Metafísica* de Aristóteles para observarmos se esta ciência de fato, com todos esses diferentes modos de expressão, poderia denotar a mesma doutrina do ser, e seguir como Teofrasto mostrou, uma ciência do ser imutável, ou não.

2.2 A sabedoria como ciência das causas em *Metafísica* A.1-3

No primeiro livro da obra intitulado *Alpha*, encontra-se a primeira aparição das noções de ciência e das causas e primeiros princípios e o exame das doutrinas dos predecessores. Neste livro, vemos uma caracterização preliminar da sabedoria

⁹ E 1 102a16-18.

¹⁰ Theophrastus, *Metaphysics*, I, 1-4; trans. Ross-Fobes, pp. 2.2-4,5.

apresentada como um conhecimento universal, das causas e dos princípios. Na continuação, encontramos brevemente a teoria das quatro causas. Por fim, Aristóteles passa a expor e criticar as doutrinas que os filósofos anteriores mantiveram sobre as causas (caps.3-10).

Aristóteles foi um grande sistematizador das ciências e se preocupou em sistematizar não apenas o conhecimento científico, mas também em sistematizar como nós conhecemos cientificamente. Pois, para os gregos a precisão era necessária para se discutir as coisas que são e, desde o poema do ser de Parmênides, a forma lógica foi introduzida nessa discussão. Aristóteles apresenta em sua obra *Metafísica* a sabedoria como ciência das causas e articula a noção de causa com a noção de sábio. Assim, vemos que a noção de causa (αἰτία) aparece no contexto dessa disciplina se relacionando com o sábio e o conhecimento.

No primeiro capítulo (A 1 980a21-981a12), encontramos a classificação da sabedoria dentre os atos cognitivos: sensação, memória, imaginação, experiência, arte/técnica, e a ciência. Aristóteles inicia seu texto apresentando esses atos para analisar como o ser humano conhece. Ele apresenta também os graus desse conhecimento que pode ser adquirido, sendo ele particular ou universal. Vemos assim os graus de universalidade, do particular até o mais universal: a experiência sensível, a técnica e a ciência. A experiência é particular, pois apresenta o conhecimento do efeito como, por exemplo, daquele remédio que curou Cálidas. Já a técnica é universal e conhece a causa, por exemplo, do remédio curar a todos os febris.

Aristóteles apresenta em A 1 981a12 a diferença entre técnica e ciência segundo o critério do fim, pois o fim da técnica é um produto (algo particular) e o fim da ciência é uma atividade. Os sábios conhecem o universal e as causas das coisas serem o que são, já os experientes conhecem apenas o particular e “que” as coisas são.

[...] Isso porque uns conhecem a causa, mas outros não: os experientes conhecem o “que”, mas não o “por que”, mas aqueles outros conhecem o “por que” e a causa. Por isso, em cada domínio, também consideramos que os que dirigem/“mestres-de-obra” sabem mais e são mais valiosos e sábios que os “trabalhadores braçais”, porque sabem as causas daquilo que está sendo produzido (ao passo que estes últimos, tal como certas coisas inanimadas, fazem algo, mas fazem sem saber aquilo que fazem - como, por exemplo, o fogo queima -, mas os inanimados fazem cada coisa devido a certa natureza, ao passo que os ‘trabalhadores braçais’ fazem por hábito), como se os considerássemos mais sábios não por serem capazes de agir, mas

porque dominam a explicação e conhecem as causas. (*Metafísica A 1 981a12*; ANGIONI, 2008, p. 10)

Com relação à passagem citada, notemos que ela estabelece a superioridade da arte sobre a experiência, pois Aristóteles justifica este veredito pelo fato de que a τέχνη conhece a causa (αἰτία), sendo esta a característica que a distingue da mera ἐμπειρία, pois a distinção traçada é entre o conhecimento de um fato (τὸ ὄτι) e a compreensão do motivo pelo qual (τὸ διότι) este fato ocorre, ou seja, a causa (αἰτία) desse fato. Assim, pelo fato de apreenderem as causas, “os que dirigem” (análogo aos que possuem a τέχνη) são superiores aos trabalhadores braçais que possuem apenas a experiência (ἐμπειρία), e “os que dirigem sabem o que fazem precisamente porque conhecem as causas, enquanto os trabalhadores braçais, ignorantes das causas, fazem algo, mas sem saber o que fazem” (CECÍLIO, 2018, p. 24). Sendo assim, Aristóteles apresenta a importância das causas no grau de conhecimento, afinal o detentor das causas, aquele que sabe “porque” determinada coisa é ou “porque” determinada coisa acontece, por exemplo, ele sabe “porque” o fogo é quente. Dessa forma, detendo o conhecimento das causas, ele possui mais conhecimento do que o mero experiente que detém apenas o conhecimento “que” o fogo é quente, por exemplo.

Ainda em Cecílio (2018, p. 25) encontramos uma análise sobre o livro A:

Nas primeiras ocorrências de σοφία e de seus derivados no livro A, o termo ainda não está sendo empregado em seu sentido superlativo de saber máximo, até divino. [...] A estratégia de Aristóteles não é abordar diretamente o sentido técnico de σοφία como ciência mais eminente que há, mas sim, partindo das concepções partilhadas por seu público acerca do que seja ser sábio, ele procurará mostrar que há uma sabedoria em sentido superlativo.

Dessa forma, vemos em Cecílio que quando Aristóteles usa o termo “mais sábio” em seu sentido mais largo, é utilizado como mero índice de superioridade dos que dirigem sobre os trabalhadores braçais. Afinal, pelo fato de apreenderem as causas “os que dirigem” (análogo aos que possuem a τέχνη) são superiores aos trabalhadores braçais que possuem apenas a experiência (ἐμπειρία), e os que dirigem sabem o que fazem precisamente porque conhecem as causas, enquanto os trabalhadores braçais, ignorantes das causas, “fazem algo, mas sem saber o que fazem” (CECÍLIO, 2018, p. 27).

Encontramos no segundo capítulo (A 2 982a3–983a23) a retomada da caracterização do sábio. Assim, a primazia da sabedoria, a filosofia primeira, frente às

outras ciências é apresentada juntamente com as características do sábio. Após a apresentação do sábio, Aristóteles passa a descrever as características da sabedoria. Deste modo, o método é alcançar as características desta ciência a partir das características de quem a detém.

Sábio é aquele que busca o conhecimento sem ter em vista outro fim que o próprio conhecimento. Este que deseja o conhecimento sem ter em vista outro fim deseja o conhecimento último, daquilo que é mais cognoscível em si; maximamente cognoscível são os primeiros princípios e causas a partir dos quais se conhece todas as coisas; logo, o sábio busca o conhecimento dos primeiros princípios e causas. O sábio (A 2 982a8-12) conhece as coisas a partir de uma perspectiva universal e não particular, e conhece as coisas que são cognitivamente difíceis ou mais distantes do homem comum. Isso pois o particular que se percebe pela sensação é mais fácil de ser conhecido, já o universal está mais distante da sensação e, por isso, mais difícil de conhecer. O sábio também detém o conhecimento mais exato ou certo (A 2 982a12-14), pois como a sabedoria trata dos primeiros princípios, compreendemos que as ciências que investigam um menor número de princípios são mais exatas. E o sábio também é capaz de fornecer as causas já que aquele que melhor conhece as causas é mais capaz de ensinar em comparação àqueles que detêm apenas a experiência. E quanto à sabedoria, se o sábio tem em vista o próprio conhecimento, esta ciência se apresenta inicialmente como a ciência das causas, pois conhecemos algo quando dominamos as causas.

Em continuação à associação entre a sabedoria e a ciência das causas, no terceiro capítulo (A 3 983a24), encontramos uma breve definição das quatro causas aristotélicas. Como no segundo capítulo Aristóteles destaca que o sábio conhece as causas, agora, é necessário que Aristóteles introduza quais são as causas que podem ser conhecidas. Encontramos em A 3 983a24:

Portanto é preciso tomar conhecimento das causas que se dão como princípio (pois afirmamos conhecer cada coisa precisamente quando julgamos discernir sua causa primeira). As causas se dizem em quatro sentidos: uma é a essência e o “aquilo que o ser é” (de fato, o “por que” se reduz à definição última, e o “por que” é primeiramente causa e princípio), outra, a matéria e o subjacente, em terceiro lugar, dizemos causa de onde se dá o princípio do movimento, em quarto lugar, a causa oposta a esta último sentido, o “em vista de que” e o bom (de fato, é este o acabamento de toda geração e movimento) – estudou-se isso suficientemente nas discussões sobre a natureza; todavia, tomemos aqueles que, antes de nós, adentraram no exame dos entes e filosofaram a respeito da verdade. É claro que também eles propuseram certos princípios e causas; assim, isso será de algum modo

propício, à medida em que avançamos no presente estudo: de fato, ou encontraremos um outro gênero de causa, ou confiaremos mais nas que agora foram mencionadas. (*Metafísica* A 3 983a24; ROSS, 1928)

Aristóteles apresenta quatro tipos de causa, a saber, “aquilo que o ser é”, é a causa que faz com o que o ser seja o que ele é, conhecida como causa formal. Trata-se do princípio que determina a matéria, tornando-a uma essência determinada. A causa material é aquilo de que uma coisa é feita, por exemplo uma estátua que pode ser feita de mármore, sendo a causa material da estátua o mármore. A causa conhecida como eficiente refere-se ao agente que realiza uma mudança ou movimento, o qual implica necessariamente a passagem da potência ao ato, por exemplo o bronze que tem potência para ser estátua, mas dependerá da ação de um escultor que atuará como sua causa eficiente. O “em vista de que”, conhecida como causa final, é aquilo para que uma coisa foi feita, ou seja, sua finalidade. Esta causa responde por "o em vista de que" aquela estátua foi produzida.

Aristóteles menciona essas quatro causas, mas, apesar de suas diferenças recíprocas já que cada uma abarca um aspecto do subjacente (composto de forma e matéria), todas elas são causas segundo uma descrição comum de causa, afinal todas as quatro causas têm em comum a característica de serem respostas à pergunta “por que?”. Afinal, dado um objeto qualquer, por exemplo uma estátua de Péricles, se nos questionarmos “qual a causa da estátua de Péricles?”, teremos quatro respostas distintas: podemos responder com a causa formal e dizer que a causa da estátua é a sua forma Péricles, ou podemos responder com a causa material e dizer que a causa da estátua é o mármore, ou responder com a causa eficiente, e dizer que a causa da estátua é o escultor Policeto, ou ainda responder com a causa final e dizer que a estátua tem sua finalidade no embelezamento dos jardins, ou tem como sua finalidade uma crítica social a Péricles.

No conjunto das quatro causas, encontramos vários fatores para produção e existência da estátua. Segundo Angioni (2011, p. 3), na teoria da causalidade aristotélica, a formulação correta das perguntas a respeito das “causas da estátua” não deve ser “qual a causa da estátua”, mas sim “qual a causa da estátua ser assim”, ou seja, “qual a causa X da estátua de (Péricles) possuir o atributo Z?”. Este é o esquema triádico das quatro causas (ANGIONI, 2011, p. 5), pois para Aristóteles o traço fundamental da noção de causa é sua estrutura triádica, vemos que para ele “as causas são (I) causas de alguma coisa (II) para alguma outra coisa, assim a causa é um terceiro

item que faz alguma propriedade estar presente em alguma coisa subjacente” (ANGIONI, 2011, p. 3). Sendo assim, o que unifica as quatro causas em Aristóteles é o fato de todas elas serem fatores que respondem pela presença de um dado atributo em algo subjacente. Afinal, todas as quatro causas satisfazem a estrutura triádica, pois elas são fatores que fazem um dado subjacente ter ou vir a adquirir uma dada propriedade ou atributo.

A continuação do capítulo 3, juntamente com os outros capítulos do livro *Alfa*, é destinada a expor e criticar as doutrinas que os filósofos anteriores mantiveram sobre as causas e apresentar que todas elas são insuficientes e que são, na realidade, "passos sucessivos do conhecimento dos quatro tipos de causas" (MARTINEZ, 1994, p. 9). Isso porque a reflexão filosófica grega, desde a Antiguidade, ocupou-se da questão do ser. Encontramos em A 3 983b6-984a16 que os indivíduos que primeiro filosofaram julgaram que o princípio de todas as coisas era um tipo de matéria, e afirmaram ser os elementos naturais princípios dos entes como, por exemplo, Tales (A 3 983b18), o iniciador desse tipo de filosofia, que afirmou ser a água esse elemento primeiro de onde a coisa vem a ser. Já Anaxímenes e Diógenes (A 3 983b33) consideraram o ar como anterior à água e como princípio, por outro lado, Hipaso de Metaponte e Heráclito de Éfeso consideraram como princípio o fogo; e Empédocles, por sua vez, considerou como princípio todos os anteriores acrescentando a terra.

Por esses filósofos, julgaríamos que é causa apenas a que assim se diz em forma de matéria. No entanto, na medida em que avançaram desse modo, o próprio assunto abriu-lhes caminho e os forçou a investigar: de fato, ainda que qualquer vir a ser ou corromper-se provenha de uma única coisa (ou mesmo de muitas), por que isso sucede, isto é, qual é a causa? Seguramente, não é a coisa subjacente que por si mesma faz ela mesma modificar-se. Quero dizer, por exemplo, que a madeira não é causa pela qual ela se modifica (nem o bronze é causa pela qual ele se modifica); tampouco é a madeira que produz uma cama ou o bronze que produz uma estátua, antes, é algo distinto que é causa da mudança. Ora, procurar isso é procurar o outro princípio, como diríamos, de onde se dá o começo do movimento. (*Metafísica* A 3 983b18; ANGIONI, 2008, p. 15.)

Estes filósofos procuravam pela causa dos seres e encontraram a causa material. No capítulo 6 (A 6 987a29–987b18), Aristóteles apresenta que mesmo Platão não considerou todas as causas, pois ele constatou ser impossível haver uma definição comum de qualquer coisa sensível na medida em que elas estão sempre em mudança. Sendo assim, Platão denominou os entes de tal tipo como ideias ou formas e julgou que

todas as coisas sensíveis estavam à parte das ideais, embora fossem designadas por elas por participação. Assim, as coisas múltiplas seriam homônimas às formas.

Dado que as Formas seriam causas das demais coisas, julgou que os elementos delas seriam elementos de todos os entes. Assim, afirmou que o Grande e o Pequeno são princípios a título de matéria, e que o Um é princípio como essência: de fato, os números se constituíram dos dois, por participação no Um. (*Metafísica A 6 987a29–987b18*; ANGIONI, 2008, p. 21)

No sétimo capítulo (A 7 988a32), Aristóteles destaca que nenhum de seus predecessores apresentou com clareza aquilo que o ser é nem quais seriam as suas quatro causas.

[...] Por outro lado, ninguém apresentou com clareza aquilo que o ser é e a essência, embora os que propuseram as Formas tenham-no mencionado mais (de fato, não conceberam as Formas como matéria dos sensíveis, nem o Um como matéria das Formas, tampouco as conceberam como se daí surgisse um início de movimento - pois afirmam que elas são causas, antes, da insuscetibilidade ao movimento e do estar em repouso -, mas apresentam as Formas como “aquilo que o ser é” para cada uma das demais coisas e o Um como “aquilo que o ser é” para as Formas). (*Metafísica A 7 988a32*; ANGIONI, 2008, p. 23)

Por isso Aristóteles se põe a sistematizar as concepções do que o ser é e propõe apresentar suas quatro causas como uma forma de sistematização aprimorada do que já foi apresentado pelos seus antecessores. Deste modo, o filósofo dá continuidade ao movimento do livro *Alpha* de apresentar a filosofia primeira como uma ciência das causas primeiras.

2.3 A sabedoria como ciência da verdade em *Metafísica α 1-3*

Aristóteles em α 1 993a30 inicia o texto refletindo sobre a dificuldade da investigação da verdade, pois “ninguém consegue alcançá-la de maneira significativa, embora todos, em conjunto, não falhem por completo” (*Metafísica α 1 993a30*; ANGIONI, 2008, p. 33). Para Aristóteles, a causa dessa dificuldade não está nas próprias coisas, mas no ser humano: “De fato, tal como os olhos dos morcegos se têm em relação ao brilho do dia, do mesmo modo a inteligência de nossa alma se têm em relação às coisas que, por natureza, são as mais evidentes de todas” (*Metafísica α 1 993b 7*; ANGIONI, 2008, p. 33).

Assim, a investigação da filosofia é denominada como ciência da verdade, pois não se conhece o verdadeiro sem a sua causa e é mais verdadeiro aquilo que é causa pela qual os itens posteriores são verdadeiros. Por isso, os princípios dos entes que são sempre são os mais verdadeiros. Aristóteles diz

Por demais, é correto afirmar que a filosofia se denomine “ciência da verdade”. Em efeito, o fim da ciência teórica é a verdade, entretanto o fim das ciências práticas é a ação. [...] Não podemos conhecer o verdadeiro sem saber a sua causa. Ora, aquilo em virtude do qual algo é dado unicamente em outras coisas possui esse algo no mais alto grau em comparação com eles (por exemplo: o fogo é quente no mais alto grau, pois é causa do calor nas coisas). Portanto, verdadeiro é, em suma, a causa de que são verdadeiras as coisas posteriores a elas. E, assim, portanto, necessariamente são eternamente verdadeiros os princípios das coisas que eternamente são. (De fato, tais princípios, não são verdadeiros às vezes, nem há causa de seu ser; antes, eles são a causa de ser das outras coisas.) Por conseguinte, cada coisa possui relação com o ser, do mesmo modo que tem relação com a verdade. (*Metafísica* α 1 993b 19-23; MARTINEZ, 1994, p. 122-123)

Segundo a passagem, a filosofia primeira é ciência da verdade, pois o verdadeiro é a causa das coisas e, se esta ciência busca pelas causas, também precisa encontrar as causas verdadeiras de algo determinado.

A partir de α 2 994a1, ainda no interior do estudo das causas dos seres, observamos que as causas não são infinitas, pois, em relação a matéria, não é possível recuar ao infinito, por exemplo, a carne vir da terra, a terra do ar, o ar do fogo, e assim sem limite. Tampouco, é possível que "aquilo de onde provém o movimento" siga ao infinito, por exemplo, o homem ser movido pelo ar, o ar ser movido pelo sol, e sol pela discórdia, sem que esse processo tenha algum fim. Semelhantemente, tampouco é possível que prossiga ao infinito “aquilo em vista de que” (caminhada, em vista da saúde, esta em vista da felicidade, a felicidade em vista de outra coisa, e, desse modo, sempre uma coisa em vista de outra). Do mesmo modo se dá com o “o que era ser”, pois o “em vista de que” é fim, e não em é em vista de outra coisa, afinal as demais coisas são em vista dele, de modo que se houver algum item externo que seja em vista dele sem ter fim, para esse tipo de coisa, não haverá um “em vista de que”. Além do mais, se fossem ilimitadas em número as formas das causas, tampouco assim seria possível vir a conhecer, pois julgamos conhecer quando reconhecemos as causas. “No entanto, não é possível percorrer, num tempo limitado, o que é ilimitado por acréscimo” (*Metafísica* α 2 994b27; ANGIONI, 2008, p. 36).

2.4 A sabedoria como ciência do ser em *Metafísica G 1-2*

O livro *Gamma* (G) é o universo argumentativo deste trabalho que se propõe, em geral, a mostrar a ontologia aristotélica na obra *Metafísica*. O quarto livro (G) responde diretamente às quatro primeiras aporias do livro B¹¹, as quais têm um caráter geral sobre o objeto da ciência cuja constituição se pretende mostrar. A universalidade argumentativa de G mostra-se no capítulo inicial, quando Aristóteles em 1003a21-1003b1 estabelece um projeto de trabalho que indica as perspectivas a partir das quais a questão do ser “τὸ ὄν” será abordada. Este projeto é a definição da filosofia primeira como ciência do ser enquanto ser (τὸ ὄν ἢ ὄν), pois existe uma ciência que considera o ser enquanto ser e as suas propriedades. Esta ciência não se identifica com nenhuma das ciências particulares, afinal nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser enquanto ser, apenas partes desse ser. Dado que o filósofo busca pelas causas e princípios supremos, ele deve também buscar pelas causas do ser enquanto ser.

Apesar da pluralidade e dispersão de significados que o termo “ser” (τὸ ὄν) e a expressão “o que é” (εἶναι) implicam, tal ciência é possível na medida em que todos esses significados remetem a um primeiro e fundamental que os unifica, a substância (οὐσία)¹². Assim, após Aristóteles definir, no capítulo de G, essa ciência como uma ciência do ser enquanto ser (ontologia), a partir do capítulo segundo será demonstrada a

¹¹ No primeiro capítulo do livro *Beta* encontramos a exposição das aporias (estar sem saída), e são elas, a saber, 1) se a investigação sobre as causas é objeto de uma única ciência, 2) quais princípios devem ser investigados: princípios primeiros ou todos. 3) Se há uma única ciência que investiga todas as substâncias, 4) Quais os tipos de substâncias existentes (apenas sensíveis)? Se o nosso estudo (5) se ocupa somente das substâncias/essências/entidade ou também dos acidentes que, por si mesmos, pertencem as substâncias. (6) Se os princípios e os elementos seriam os gêneros, ou, antes, os itens inerentes nos quais cada coisa se divide? E, se caso se identificarem com os gêneros, sendo os gêneros princípios, (7) seriam os gêneros últimos que se dizem sobre os indivíduos/particulares, ou os gêneros primeiros, isto é, qual dos dois seria princípio? Sobretudo, devemos investigar em saber (8) se há para além da matéria, algo que seja em si mesmo causa, e se tal coisa é separada ou não, se seria uma só ou várias em número, e se há para além do composto, ou não há nada, ou se de algumas coisas há, mas de outras não, e quais seriam tais entes. Ademais, (9) os princípios são numericamente ou especificamente limitados, tanto os que se dão nas definições como os que se dão no sujeito? (10) E os princípios das coisas corruptíveis e das coisas incorruptíveis, seriam os mesmos, ou distintos? E todos os princípios seriam incorruptíveis, ou seriam corruptíveis os das coisas corruptíveis? Além disso, o mais difícil de todo e que se encerra a maior aporia é, a saber, (11) “o Um e o Ente, como os Pitagóricos e Platão propunham, não seriam uma outra coisa, mas seriam essência dos entes? Ou não: antes, haveria uma outra coisa subjacente como Empédocles afirma a amizade [...]” (MARTINEZ, 1994, p. 132). E (12) se os princípios são universais ou como as coisas individuais? E (13) se são em potência ou em ato, e, ademais, se sua atualidade ou potencialidade são de outro tipo que as relativas ao movimento. Estas questões apresentam múltiplas aporias. E, além disso, (14) os números, comprimento, figuras e pontos seriam certas essências, ou não? E, se fossem essências, seriam separadas das coisas sensíveis, ou estariam nelas imanentes? Dada as aporias, de fato não é apenas difícil ter uma boa saída para a verdade, mas tampouco é fácil formular os impasses em argumentos.

¹² Também traduzido como essência ou entidade.

possibilidade desta ciência (1003a33-b22) e serão especificados seus conteúdos (1003b22-final).

Encontramos em G 2 que “o ser se diz de muitos modos” (*Tò ὄν δὲ λέγεται μὲν πολλαχῶς*), mas sempre em referência a uma unidade. Não só compete a uma única ciência o estudo das coisas que se dizem num único sentido, mas também o estudo das coisas que se dizem em diversos sentidos, porém com referência a uma única natureza, pois de certo modo estas se dizem num único sentido. Vemos em G.2 1003b16

Em todos os casos, a ciência é preponderantemente do primeiro item, isto é, daquilo de que os demais dependem, e daquilo através de que se denominam. Ora, se isto é a essência, é preciso que o filósofo detenha os princípios e as causas das essências. (*Metafísica* G 2 1003b16; ANGIONI, 2002, p. 15)

E sobre os conteúdos desta ciência, vemos que o livro *Gamma* mostra de quais coisas a filosofia primeira ou sabedoria trata. Em primeiro lugar, vemos que ela se ocupa universalmente do que é, pois é tarefa de uma ciência única quanto ao gênero estudar também todas as espécies do ser enquanto ser, e é tarefa de várias espécies dessa ciência estudar as várias espécies de ser enquanto ser. Afinal, o ser e o um são a mesma coisa e uma realidade única, enquanto se aplicam um ao outro. Por exemplo, as expressões ‘homem’ e ‘um homem’ significam a mesma coisa, do mesmo modo que ‘homem’ e ‘é homem’, pois o ser do homem não se separa da unidade do homem nem na geração nem na corrupção, e o mesmo também vale para o um: “[...] Além do mais, a essência de cada item é algo uno não por concomitância e, semelhantemente, é aquilo que precisamente certo ente é [...]” (ANGIONI, 2007, p. 14). Disto, segue-se que tantas são as espécies de ser quantas são as do um. Portanto, conhecer o que são essas espécies pertence a uma ciência que é a mesma quanto ao gênero, por exemplo, pertence a mesma ciência o estudo do idêntico, do semelhante e das outras espécies desse tipo, tal como dos seus contrários.

Existem tantas partes da filosofia quantas são as substâncias. Assim, é necessário que entre as partes da filosofia exista uma que seja primeira e uma que seja segunda. De fato, originalmente, o ser é dividido em gêneros e, por esta razão, as ciências se distinguem segundo a distinção desses gêneros. E dado que compete também a esta ciência o estudo dos contrários, porque ao um se opõe o múltiplo, essa ciência também estuda a negação e a privação. Em efeito, todos os contrários se enquadram na diversidade, e a diversidade na pluralidade, e a pluralidade e o um são opostos. É

notável que se esta ciência se ocupa de todos os contrários e opostos, ocupar-se-á também de tudo que é, já que os contrários consistem em todas as coisas que são contrárias ou provém dos contrários.

Assim, todos os significados dos termos se remetem a um primeiro, por exemplo, todos os significados de ‘um’ se referem a um originário significado do um; isso também ocorre com o mesmo, com o diverso e com os contrários em geral. Portanto, é tarefa de uma mesma ciência ocupar-se dessas noções e da substância, sendo que é tarefa do filósofo saber indagar sobre todas essas coisas, pois o filósofo deve indagar, por exemplo, se ‘Sócrates’ é o mesmo que ‘Sócrates sentado’, se só existe um contrário para cada coisa, ou o que é o contrário e em quantos significados ele pode ser entendido. Afinal, como essas coisas são propriedades essenciais do um enquanto um e do ser enquanto ser, elas competem a uma ciência que conheça sua essência e suas características.

Assim, o ser não se diz por mera homonímia, mas ele se diz do mesmo modo do que chamamos de salutar com referência a tudo que é saudável, ou também do mesmo modo como dizemos medicinal para tudo que se refere a medicina. Isso se dá seja enquanto a possui, ou seja, enquanto é inclinado a ela por natureza, ou seja, enquanto é obra da medicina. Assim também o ser se diz em muitos sentidos, mas todos com referência a um único princípio: algumas coisas são ditas ser porque são substância, outras porque são afecções da substância, outras porque são vias que levam a substância, ou porque são corrupções, ou privações, ou qualidades, ou causas produtoras ou geradoras tanto da substância como do que se refere a substância, ou até mesmo da própria substância. Por isso, até mesmo o não-ser dizemos que é não-ser.

2.5 Os múltiplos sentidos do ser: as categorias

Em G 2 1003a33, encontramos que “o ser se diz de muitos modos” (τὸ ὄν δὲ λέγεται μὲν πολλαχῶς) e não há como reduzi-lo a um tipo só, pois ele se dá em diferentes tipos que são irreduzíveis uns aos outros. Esses sentidos são as famosas categorias, os gêneros supremos do ser. Sobre as categorias, encontramos em *Categorias* 4 1b25-28 (ACKRILL, 2002, p. 5) que as “expressões que não são de forma alguma compostas significam uma substância, ou quantidade, ou qualidade, ou relação, ou lugar, ou tempo, ou posição, ou estado, ou ação, ou afeto”. Dessa forma, as expressões que não são compostas são categorias do ser. Assim, vemos que “os muitos modos” que o ser se apresenta são as categorias e que todas as outras categorias estão

ligadas à categoria da substância, pois se a substância for destruída, tudo mais também será destruído. A substância age como ponto focal de referência, sendo a significação focal para as outras categorias visto que a qualidade é qualidade de uma substância, a relação é uma relação entre substâncias. Contudo, cada categoria continua irreduzível às outras.

Assim, Aristóteles oferece um mecanismo de entrelaçamento para essas categorias dispersas sem a necessidade de postular para elas uma unidade, segundo uma única acepção ou gênero único. A tese da unidade focal tem esse papel de mecanismo que junta as categorias sem ligá-las ou reduzi-las a uma única categoria, pois todas as categorias são ditas em relação a uma dentre elas. Trata-se, assim, de uma relação, não de uma identificação. Contudo, independentemente do número de categorias ou predicções que o ser se apresenta, é sabido que são em número limitado (ZINGANO, 2009). Logo, mesmo que haja discordância sobre o número de categorias, Aristóteles diz que são em número determinado.

Sendo assim, observa-se em G 2 1005a9 que quando analisamos se o ser é universal e idêntico sobre todas as coisas, Aristóteles dá sua resposta pela doutrina das categorias do ser. O filósofo observa não apenas que o predicado comum dito de uma maneira igual de vários particulares não existe separado deles, mas ele também observa novamente que o ser é dito de várias maneiras. Por consequência, não se pode mais colocar um ser igualmente comum a toda coisa, seja separada ou não. É através da doutrina da multiplicidade de acepções do ser que vemos o projeto da ontologia aristotélica, pois para ele o ser apresenta-se originalmente clivado em várias categorias que recortam o domínio do ser sem que sejam redutíveis a um dentre eles, e vimos que o entrelaçamento para essas categorias do ser é a tese da unidade focal na substância, que tem por papel justamente juntá-las sem reduzi-las.

2.6 O ser e o princípio da não-contradição

Aristóteles, a partir do terceiro capítulo do livro *Gamma*, estabelece que esta ciência também se preocupa com os primeiros princípios da demonstração e que o princípio supremo de todos eles é o da não-contradição. Sendo assim, vemos que à esta ciência do ser enquanto ser também compete o estudo dos axiomas, pois eles são próprios do ser enquanto ser e todo gênero de realidade é ser, afinal os axiomas valem para todos os seres e não são propriedades peculiares de algum gênero particular de ser com exclusão de outros. Todos servem-se desses axiomas porque eles são próprios do

ser enquanto ser, e todo gênero de realidade é ser. Dessa forma, caberá a quem estuda o ser enquanto ser também estudar esses axiomas.

O filósofo que estuda o ser enquanto ser também deverá estudar o universal, a substância primeira e caberá também o estudo dos axiomas para investigar se são verdadeiros ou não. Assim, a tarefa do filósofo e de quem especula sobre a totalidade da substância e sobre sua natureza consiste em investigar também os princípios dos silogismos, pois quem possui o conhecimento mais elevado, a saber, o conhecimento do ser enquanto ser, deve ser capaz de dizer quais são os princípios mais seguros do objeto que investiga.

Aristóteles diz que há um princípio que é o mais seguro de todos e que sobre o qual é impossível errar, o qual deve ser o mais conhecido. Segundo o princípio, é impossível que a mesma coisa, ao mesmo tempo, pertença e não pertença a algo sob o mesmo aspecto. Este é o princípio de não-contradição. Afinal, diz Aristóteles que “[...] É impossível que o mesmo seja atribuído e não seja atribuído ao mesmo tempo a um mesmo subjacente e conforme ao mesmo aspecto (considere-se delimitado, em acréscimo, tudo aquilo que acrescentaríamos contra as contendas argumentativas)” (*Metafísica* G 3 1005b 17; ANGIONI, 2001, p. 18). Sendo assim, se uma opinião que está em contradição com outra é o contrário dela, é impossível que, ao mesmo tempo, as duas opiniões sejam verdadeiras. Não é o caso que a mesma pessoa admita verdadeiramente que algo exista e não exista ao mesmo tempo.

A presença do estudo desse princípio da não contradição na ontologia é consequência da sua universalidade. Isso, por sua vez, é apresentado da seguinte forma, a saber, todas as ciências (e argumentos) utilizam tal princípio de não contradição; e é assim porque se realiza em tudo o que é (universalidade); e isso, por sua vez, indica que pertence ao que é como tal, ou seja, como algo que é. Sendo assim, quando afirmamos que “A é B” e ao mesmo tempo afirmamos que “A não é B”, sendo ditas ao mesmo tempo sob o mesmo aspecto, uma afirmação exclui a outra, pois nesse caso A é e não é B ao mesmo tempo. Assim, observamos então que é impossível erradicar da mesma coisa, ao mesmo tempo, no mesmo sentido, a ausência e a presença de uma mesma qualidade fixa.

O restante do livro *Gamma* (cap. 4 – 8) é dedicado ao desenvolvimento de toda uma bateria de argumentos contra os navegadores de tal princípio. Aristóteles demonstra o princípio de não-contradição por via de refutação, pois para ele “é impossível haver demonstração de tudo (pois se prosseguiria ao infinito, de modo que

nem assim haveria demonstração)” (*Metafísica* G 4 1006a 5; ANGIONI, 2001, p. 19). Dessa forma, a maneira de provar a validade deste princípio de não contradição não é exigir que o adversário afirme que algo é ou que não é, mas exigir que o adversário diga algo, afinal se ele pretende dizer algo com sentido lógico, ou seja, dizer algo racional, ele irá respeitar o princípio da não contradição.

Primeiramente, então, é evidente que isto, ao menos, é em si mesmo verdadeiro: que uma denominação significa *ser (ou não ser) tal e tal coisa*, de modo que não é possível que tudo se comporte assim e não assim. Além do mais, se “homem” significa uma só coisa, seja isso “animal bípede”. E entendo por “significar uma só coisa” isto: se homem é tal coisa, e se algo é homem, este algo será o ser para homem [...] (*Metafísica* G 4 1006a28-31; ANGIONI; 2001, p. 20)

Dessa forma, uma denominação significa algo e significa uma só coisa, então não é possível que o “ser homem” signifique o mesmo que o “não-ser homem”, uma vez que “homem” designa a respeito de uma coisa só. E para que algo seja demonstrado é necessário assumir algum tipo de princípio para que haja a demonstração, visto que os princípios não são demonstrados. Sendo assim, é necessário apenas que o adversário diga algo para que seja visto o princípio da não contradição no discurso lógico.

2.7 Terceiro excluído

Tratamos do princípio da não contradição que diz que uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo, e em comparação, o princípio do terceiro excluído é apresentado por Aristóteles como toda proposição ou é verdadeira ou é falsa, ou seja, verifica-se sempre um destes casos e nunca um terceiro.

Encontramos, a partir do sétimo capítulo do livro G, que Aristóteles propõe o princípio do terceiro excluído com algumas argumentações relativas à validade deste princípio, a saber, não é possível que exista um termo médio entre os contraditórios, sendo que necessariamente devemos afirmar ou negar um desses contrários do mesmo objeto. Isso fica evidente, em primeiro lugar, só com a definição do que é falso e do que é verdadeiro, pois falso é dizer que o que é, na verdade não é, e aquilo que não é, na verdade é. E verdadeiro é quando dizemos que algo que é, na verdade é, e algo que não é, na verdade não é, ou seja, dizemos o que o objeto de fato é. Dessa forma, quando alguém diz que algo é ou não é, dirá algo verdadeiro ou falso. Mas se existisse um termo médio entre esses dois contrários, não poderíamos dizer nem sobre o ser e nem sobre o não-ser, que algo é ou não é. Afinal, o termo intermediário entre os contrários

será como o cinza entre o preto e o branco, ou será como o que não é nem homem nem cavalo entre homem e cavalo. Se existisse um termo médio desse tipo, não poderia haver mudança, afinal a mudança vai do que não é bom para o que é bom, ou vice-versa; mas a mudança é constatada e só existe mudança entre os contrários ou entre seus graus intermediários. Porém, se existisse um termo médio como o cinza entre o branco e o preto, então deveria haver um processo de geração do branco que não procedesse do não-branco mas isso não é constatado.

Para Aristóteles (G 7 1012a24), é claro que não se sustentam, seja individualmente, seja em seu conjunto, certas afirmações de que nada é verdadeiro ou que tudo é verdadeiro. Esses raciocínios equivalem aos de Heráclito porque quem afirma que tudo é verdadeiro e tudo é falso afirma também separadamente cada uma dessas doutrinas, se são absurdas as doutrinas, também serão absurdas estas outras. Ademais, existem proposições contraditórias e que não podem ser verdadeiras juntas, e por outro lado, existem outras que não podem ser todas falsas. Mas para refutar todas essas doutrinas é preciso fazer com que o adversário diga alguma definição, pois se ele dizer algo que não é, não pode ser dito porque não é, mas se ele diz algo com significado a suas palavras, podendo discutir uma definição, começaremos por estabelecer o que significa verdadeiro e falso. Se a verdade afirmada não é mais que a falsidade negada, é impossível que todas as coisas sejam falsas. É necessário que um dos dois membros da contradição seja verdadeiro. Além disso, se é necessário afirmar ou negar, é impossível que tanto a afirmação como a negação sejam falsas, pois só uma das contradições é falsa.

Todas essas doutrinas destroem a si mesmas, pois quem diz que tudo é verdadeiro aceita também como verdadeiro a tese contrária à sua, podendo seguir disso que a sua não é verdadeira. E quem diz que tudo é falso, diz também que sua afirmação sobre isso é falsa. E mesmo que admitam exceções, por exemplo, dizendo que tudo é verdade com exceção a tese contrária a sua, e que tudo é falso com exceção do que diz, ainda assim, serão obrigados a aceitar infinitas proposições verdadeiras e falsas, caindo no infinito. Dessa forma, é evidente que não dizem a verdade nem os que afirmam que tudo está em repouso, nem os que dizem que tudo está em movimento, pois se tudo está em repouso, as mesmas coisas serão sempre verdadeiras e falsas, mas é evidente que as coisas mudam, por exemplo a mesma pessoa que sustenta essa tese não existia em certo tempo e depois passou a existir. Se ao contrário, tudo está em movimento, nada será verdadeiro e, portanto, tudo será falso, mas foi demonstrado que isso é impossível.

Assim, necessariamente, o que muda é um ser e a mudança ocorre a partir de alguma coisa e em direção a alguma coisa. E também não é verdade que tudo esteja às vezes em repouso e as vezes em movimento, e que não exista nada de eterno. De fato, existe algo que sempre move o que está em movimento, e o primeiro movente é por si imóvel.

3 CAPÍTULO 2 – Ciência da οὐσία (ousiologia)

Dedico essa segunda parte à análise dos livros *Delta*, *Epsilon* e *Zeta* da *Metafísica*, de modo a analisar a filosofia primeira como ciência da substância (οὐσία). Em vista da sua conexão com o termo “τὸ ὄν”, dada a relação focal existente entre os termos, esta segunda parte analisa as ocorrências do termo “οὐσία” para estabelecer uma relação entre o livro *Zeta* e o projeto de uma filosofia primeira. Por fim, tentaremos, ainda, apresentar a substância eterna e sensível.

3.1 PANORAMA GERAL DA CIÊNCIA

Como foi visto anteriormente, Aristóteles apresenta o projeto de uma ciência sob quatro ângulos diferentes, a saber, uma aitiologia, ou seja, uma investigação sobre primeiros princípios e causas (ou causas primeiras e princípios), uma ontologia, ou seja, uma doutrina do ser enquanto ser, uma "ousiologia" (ZINGANO, 1997), ou seja, uma teoria da substância, e uma teologia, ou seja, uma disciplina que estuda o gênero de ser mais imóvel.

Quando Aristóteles utiliza a expressão “ciências das causas primeiras” (A 1, 981a8-b5; MARTÍNEZ, 1994, p. 71) para descrever essa disciplina, vemos, em A 1, que a distinção entre quem sabe e quem não sabe está na capacidade de ensinar, pois aqueles que possuem a arte são capazes de ensinar por saberem as causas das coisas. Aqueles que possuem apenas a experiência não o são, pois a experiência é conhecimento dos particulares, enquanto a técnica é conhecimento dos universais. O médico não cura o homem a não ser acidentalmente, mas cura Cálidas ou Sócrates ou qualquer outro indivíduo que leva um nome como o deles, ou seja, outro indivíduo que ocorra ser homem.

A doutrina dos primeiros princípios e causas é lembrada constantemente ao longo dos livros da *Metafísica* quando da introdução dos outros três ângulos apresentados por Aristóteles na obra de modo que todas as três opções poderiam fazer parte dessa mesma abordagem. Poderíamos esperar que o mesmo ocorresse quando abordássemos esses outros ângulos, de modo que houvesse uma harmonia interna à *Metafísica* de modo a compatibilizar seus diferentes ângulos de apresentação. Contudo, a partir dos trabalhos de Jaeger, no começo do século XX, encontra-se uma tentativa de desconstrução dessa imagem de harmonia. Vemos que ao menos duas dessas perspectivas prevaleceram: de um lado a ontologia, de outro lado, a teologia.

Werner Jaeger abriu uma nova possibilidade de interpretação caracterizada por uma exegese evolutiva do pensamento e dos escritos de Aristóteles. De acordo com Jaeger (1923, p.2), as primeiras obras de Aristóteles seriam marcadas pela influência de seu mestre Platão. Apenas aos poucos, Aristóteles teria conseguido distanciar-se do platonismo e alcançar um pensamento maduro e original. Em relação à *Metafísica*, Jaeger publica seu escrito de Habilitação sob o título de *Studien zur Entstehungsgeschichte der Metaphysik* des Aristóteles e defende, nesse texto, a tese de que a *Metafísica* não é uma obra unitária. A obra teria sido composta em um longo decurso de tempo, sendo também testemunho da evolução filosófica de Aristóteles. Para Jaeger, é seguro que Aristóteles teria se esforçado para criar alguma conexão entre determinadas partes da *Metafísica*, as quais teriam sido redigidas em diferentes fases da carreira do Estagirita. Contudo, como demonstrado por Cecílio (2016, p.66) Jaeger conclui que não é possível atribuir qualquer valor literário ou artístico aos livros que compõem a *Metafísica*, a qual consistiria, por fim, em uma espécie de “coletânea” de tratados de escola, nos quais sobrevive o espírito platônico de busca do saber. Jaeger (CECÍLIO, 2016, p.66) sustenta que os escritos da *Metafísica* teriam a função de servir de substrato à atividade de ensino no Liceu, não tendo sido nunca concebidos, ao menos em seu estado atual, como obras acabadas e prontas para a publicação.

Jaeger apresentou um método histórico-genético, ou evolutivo, de interpretação dos escritos de Aristóteles, o qual já havia sido apresentado, de certo modo, nos *Studien*¹³. Tal metodologia procura reconstruir a evolução do pensamento de Aristóteles, elucidando a gênese e até mesmo a ordem de composição dos diversos tratados que compõem o *corpus* aristotélico. Assim, o *corpus* é encarado sob novo paradigma, não como um bloco unitário, mas sim como um conjunto de textos temporalmente estratificados. Jaeger explica por que este método demorou a ser estudado:

A principal razão de não se ter até agora procurado estudar o desenvolvimento intelectual de Aristóteles é, em suma, a ideia escolástica de sua filosofia como um sistema estático de conceitos. [...] tão logo se abandona esta ideia, surge naturalmente a questão do desenvolvimento histórico, pois é absolutamente impossível explicar o peculiar estado em que se encontram os escritos conservados sem supor que estes contenham as marcas de diferentes estágios de evolução. (JAEGER, 1923, p. 2)

13 Embora Jaeger tenha sido reconhecido pela leitura histórico-genética, não se pode atribuir-lhe propriamente o pioneirismo. Ao contrário, este cabe de direito, como se sabe, a Thomas Case, cujo artigo “Aristotle” publicado em 1910 antecipa algumas das teses evolutivas defendidas em 1923 por Jaeger, porém com certas diferenças, e, de fato, conclusões menos radicais. Cf. CASE, 1910.

Entretanto, apesar da imagem de harmonia no tratado aristotélico ter se estilhaçado no começo do século com os estudos de Jaeger, Zingano pondera:

A partir notadamente dos trabalhos de W. Jaeger, no começo do século, esta imagem de harmonia estilhaçou-se. O acento foi colocado antes sobre um conflito, mais ou menos declarado, mais ou menos dilacerado, entre ao menos [...] a ontologia de um lado, e a teologia de outro. Pareceu, então, para um bom número de comentadores, que a única solução residia numa explicação genética, de maneira que esse conflito se desdobrava em uma abordagem histórica onde a cada parte correspondia, grosso modo, uma fase de seu pensamento. (ZINGANO, 1997, p. 2)

O presente trabalho não pretende fazer o balanço desse método genético de Jaeger de modo aprofundado, mas, de um ponto de vista introdutório, apresentar um possível núcleo central da *Metafísica* que permanece para além das mudanças de detalhes. Esse núcleo se apresenta na relação entre ser e substância. Sendo assim, tendo em vista a articulação desta monografia, a primeira parte se direcionou a investigar a ontologia, agora, a substância. Afinal, apesar das diferentes fases de Aristóteles apresentadas por Jaeger, o projeto de sua *Metafísica* se apresenta como um projeto unificado que precisa ser analisado.

3.2 DIFERENÇAS DAS CIÊNCIAS

O sexto livro da obra, intitulado *Epsilon*, é de grande importância para compreender o projeto metafísico de Aristóteles, pois este livro contrapõe a ontologia às ciências particulares (E 1025b2-18). Além disso, encontra-se uma classificação das ciências teóricas, dentre elas a teologia (E 1025b18-1026a18). Por fim, o livro E analisa a relação entre as ciências, introduzindo as diferenças entre elas e investigando se se trata apenas de uma ciência ou mais ciências.

Dado que também a ciência da natureza encontra-se circunscrita a um gênero do ente (pois se circunscreve ao tipo de essência em que o princípio de movimento e repouso está nela mesma), É evidente que ela não é nem ciência prática, nem ciência produtiva (pois o princípio daquilo que é suscetível de ser produzido está no produtor - inteligência, ou técnica, ou alguma capacidade -, e o princípio daquilo que é suscetível de ser feito está no agente - a escolha; de fato, uma mesma coisa é suscetível de escolha e suscetível de ser feita) - consequentemente, se todo conhecimento racional é ou prático, ou produtivo, ou teórico, a ciência da natureza há de ser teórica, mas teórica a respeito de um ente tal que é capaz de mover-se, e apenas a

respeito do tipo de essência que é conforme à definição no mais das vezes, e que não é separada. (*Metafísica E 1 1025b 18*; ANGIONI, 2007, p. 35-36)

Sendo assim, sabendo que, para Aristóteles a sequência de indivíduos é eterna, os homens sempre existiram e sempre vão existir, vemos que Aristóteles levanta três argumentações para saber quem irá estudar a substância eterna. Primeiramente, vemos que é necessário investigar qual ciência irá investigar as substâncias eternas já que todo conhecimento é teórico ou prático. É necessário que o conhecimento das substâncias eternas seja eterno justamente pela característica dela ser eterna. Como a ciência prática se dá sobre o aqui e agora, pois ela lida com o particular numa dada circunstância, ela não abarca o eterno,

Em segundo lugar, vemos que a física ou a filosofia da natureza se ocupa de tudo que está em movimento. Por isso, não estuda as substâncias eternas que são imóveis. A física se ocupa das substâncias temporais, a saber, o homem, o animal, o vegetal, os quatro elementos, e também se ocupa das substâncias eternas, a saber, os corpos celestes, os quais são eternos não imóveis. Já a filosofia primeira é a ciência teórica que investiga o ser separado e imóvel. Justo neste sexto livro (E) encontra-se o primeiro tratamento dessas substâncias eternas, separadas e imóveis.

E se há algo eterno, imóvel e separado, evidentemente compete a uma ciência teórica conhecê-lo, não, porém, à ciência da natureza (pois a ciência da natureza é a respeito de certas coisas que se movem), nem à matemática, mas a alguma outra, anterior a ambas. Pois a ciência da natureza diz respeito a coisas não-separadas, mas não imóveis, ao passo que, na matemática, algumas dizem respeito a coisas imóveis, porém igualmente não separadas, mas existentes na matéria. Mas a ciência primeira diz respeito a coisas separadas e imóveis. Ora, é necessário que todas as causas sejam eternas, mas sobretudo estas, pois elas são causas dos entes divinos que nos são evidentes. (*Metafísica E 1 1026a10*; ANGIONI, 2007, p. 36)

Sendo assim, temos como hipótese que se existe algo eterno, imóvel e separado, a investigação caberá a uma ciência teórica; como efetivamente existe algo eterno, imóvel e separado, então a investigação caberá a uma ciência teórica. Se a física investiga o ser que se move, ela não irá investigar o ente que não se move, mas caberia a matemática investigar este ente já que ela investiga o imóvel, a saber, objetos matemáticos? Contudo, como vemos na passagem acima, os objetos matemáticos não são separados. Sendo assim, há uma ciência teórica que investiga a substância eterna,

imóvel e separada que não é a física nem a matemática, mas a filosofia primeira: “Assim, as ciências teóricas são mais dignas de escolha do que as outras e, entre as teóricas, é esta que é a mais digna de escolha” (*Metafísica E 1 1026a 18*, ANGIONI, 2007, p. 36). Ela é uma ciência anterior a todas as ciências teóricas, pois os entes eternos imóveis separados são anteriores pelo fato de serem primeiros, mais perfeitos e atemporais. Eles são anteriores ou primeiros pela causalidade, pois a causa do movimento dos corpos celestes são as substâncias eternas imóveis e isso nunca muda. São mais perfeitos porque estão em ato, alcançaram seu fim e são atemporais, porque sempre existiram e vão continuar existindo.

Assim, analisando a relação da substância eterna imóvel separada (moventes imóveis) com a substância eterna (corpos celestes) e com a substância temporal (animal, vegetal, homem e quatro elementos), vemos que elas se relacionam pela causalidade, pois a substância eterna imóvel separada é causa do movimento dos corpos celestes, os quais são causa do movimento das substâncias temporais. Então, as substâncias imóveis eternas e separadas são causas eternas dos seres divinos (corpos celestes). Pelo fato de as substâncias eternas imóveis e separadas serem causa de tudo que existe na cadeia subsequente de movimentos, o conhecimento delas é universal, e se houvesse uma essência imóvel, esta ciência seria anterior e filosofia primeira, e universal deste modo porque primeira e a ela competiria estudar a respeito do ente enquanto ente. Além disso, para Aristóteles, não existe ciência do acidente, pois o acidente é particular, e visto que a ciência é o sobre o universal, ela não se ocupa dos acidentes.

Mas, dado que o ente - aquilo que se concebe como “ente” sem mais - se diz de vários modos, dos quais um era o ente por concomitância, outro, o ente como verdadeiro (e o não-ente como falso), e, além desses, as figuras da predicação (por exemplo, o algo, de tal qualidade, de tal quantidade, onde, quando, e qualquer outro que assim designe), e, além de todos esses, o ente em potência e efetividade; com efeito, dado que o ente se diz de muitos modos, devemos primeiramente afirmar, a respeito de um ente por concomitância, que não é possível nenhum estudo a respeito dele. Eis um sinal: nenhuma ciência cuida disso, nem prática, nem produtiva, nem teórica. (*Metafísica E 2 1026a33*; ANGIONI, 2007, p. 37)

Sendo assim, nos próximos capítulos do livro E, Aristóteles baseia-se no que os outros filósofos falaram sobre o ser em vista de estabelecer uma comparação e apresenta que os sofistas assumiram que o ser existia como accidental, mas não é possível nenhum estudo a respeito do acidente, pois nenhuma ciência cuida disso, nem a prática, nem a

produtiva, nem a teórica (E 2 1026a33). Afinal, como poderemos aprender e ensinar sobre aquilo que ocorre por acidente e nem sempre será do mesmo modo? Assim, não há ciência sobre o acidente.

Tudo que é preciso estudar a respeito deste tipo de ente (e de não-ente), devemos examinar depois. Visto que a conexão e a separação residem no pensamento discursivo, mas não nas coisas, e que este tipo de ente é distinto dos entes preponderantes (pois o pensamento discursivo conecta, ou subtrai, ou o “o que é”, ou que é de tal qualidade, ou que é de tal quantidade, ou algo diverso), devemos deixar de lado o ente como concomitante e o ente como verdadeiro. De fato, do primeiro, a causa é indefinida, do outro, é alguma afecção do pensamento discursivo, e ambos respeitam ao gênero restante do ente, e não mostram uma natureza que existisse à parte daquilo que é - por isso, devemos deixá-los de lado e investigar as causas e os princípios do próprio ente enquanto é ente. [É evidente, nas discussões em que delimitamos a respeito do “de quantos modos cada um se diz”, que o ente se diz de muitos modos]. (*Metafísica* E 4 1027b28; ANGIONI, 2007, p. 40)

3.3 SUBSTÂNCIA

Em Δ 8 1017b10, encontramos alguns sentidos para o termo “substância” ($\text{o}\upsilon\sigma\acute{\iota}\alpha$). O primeiro sentido de substância são os corpos simples, como a terra, o fogo, a água e todos os corpos como estes e, em geral, todos os corpos e as coisas compostas a partir deles, como os animais e suas partes. Todas essas coisas se denominam substância porque não são predicadas de um substrato, mas é a respeito delas que as demais se afirmam.

No segundo sentido Δ 8 1017b14, substância é aquilo que é causa do ser e é imanente às coisas que não se predicam de um substrato, por exemplo, a alma nos animais. Por ser imanente, a substância se encontra no ser. Ademais, substâncias também são ditas em terceiro sentido como as partes imanentes a essas coisas que as delimitam e exprimem algo determinado, cuja eliminação comportaria a eliminação do todo. Por exemplo, a eliminação da superfície acarretaria a eliminação do corpo, a eliminação da linha acarretaria na eliminação da superfície, e, se o número fosse suprimido, nada mais existiria.

Analisando mais aspectos da substância, encontramos em Δ 8 que “[...] segue-se que a substância tem dois sentidos: o subjacente último, que não pode mais se predicar de nenhuma outra coisa, e aquilo que, sendo um certo isto, é também separado, e de tal

tipo é a configuração e a forma de cada coisa” (*Metafísica* 8 1017b23-26; ROSS, 1928). Segundo a passagem, substância se entende segundo dois significados: o que é substrato último, o qual não é predicado de outra coisa, ou seja, os indivíduos como Sócrates, Cavalos, e um corpo chamado Branco; e aquilo que, sendo algo determinado, pode também ser separável como, por exemplo, a estrutura e a forma de cada coisa. Além disso, a substância também pode ser tratada em termos de forma e matéria.

3.4 A DOCTRINA DA SUBSTÂNCIA - OUSIOLOGIA

O sétimo livro da *Metafísica*, intitulado *Zeta*, juntamente com o oitavo livro *Eta* ocupam-se da noção de οὐσία, sendo conhecidos como os livros que tratam da doutrina ontológica madura de Aristóteles, representada como a doutrina da substância, em oposição à doutrina jovial encontrada nas *Categorias*.

Adentrando ao livro *Zeta*, encontramos diferentes tipos de dificuldades. No livro *Zeta* 1-3, tem-se a constatação de que esta ciência é a ciência da substância e são apresentadas algumas noções de substância semelhantes às *Categorias*. Nos capítulos 4-6, encontramos a noção de essência. Nos capítulos 7-9, encontramos o vir a ser (devir), a geração e a corrupção das substâncias sensíveis. Nos capítulos 10-11, é retomada a definição de essência aplicada à substância sensível.

Desse modo, parece que os capítulos de 7 a 9 interrompem o raciocínio das noções e definições de essência nos capítulos 4-6 já que a discussão de *Z* 10 conecta-se mais com *Z* 4-6 do que com *Z* 7-9. Para melhor compreensão das dificuldades envolvendo o livro, faz-se necessária uma análise dos capítulos.

3.4.1 Ciência da substância em *Z* 1-3

Adentrando nos capítulos iniciais de *Z*, a saber, *Z* 1-3, vemos que Aristóteles coloca no centro de suas investigações a noção de substância a fim de construir uma doutrina unificada da substância. Sendo assim, o filósofo examina o que há na substância e onde está o princípio de substancialidade. Desse modo, Aristóteles investiga nesse livro sétimo quais são as substâncias, apresentando dois tipos de οὐσία, uma primeira que atua como composto e outra que atua como essência desse composto.

Sobre a οὐσία,

O ente se diz de diversas maneiras, conforme delimitamos antes nas discussões a respeito do “de quantos modos”. De fato, ente designa o “o que é” e *um certo isto*, ou *de tal qualidade, de tal quantidade*, ou cada um dos demais itens que assim se predicam. E – dado que o ente se diz de tantos modos-, é manifesto que, entre eles, o ente primeiro é o “que é”, o qual, precisamente, designa a essência (pois, quando pretendemos dizer *de que qualidade é isto*, dizemos que é bom ou mal, mas não que é de três côvados ou homem; mas, quando pretendemos dizer *o que é*, não dizemos que é branco, ou quente, ou de três côvados, mas que é homem, ou deus), ao passo que os demais itens se dizem entes por serem, do ente que é deste modo, quantidades, qualidades, afecções ou algo diverso. (*Metafísica Z 1 1028a10*; ANGIONI, 2002, p. 17)

A forma, ou seja, o “que é”, é princípio e só pode ser definida, não demonstrada, pois ela é a causa das outras coisas. Tem-se que um dos sentidos do ser é a forma ou a essência, aquilo que define a coisa. Por exemplo, quando questionamos sobre “o que é X” e dizemos “X é homem”, este é um modo de dizer o ser a partir daquilo que ele é. Assim, dizemos a essência, a qual é universal. Já em outro caso, por exemplo, podemos dizer “X é branco”. Este também é um modo de dizer o ser, porém o dizemos a partir de uma qualidade, mas esse conhecimento é mais fraco porque pode mudar. Sendo assim, quando utilizamos as categorias para definir algo, seja a qualidade, quantidade, etc. apresentamos um conhecimento que pode mudar, pois hoje, por exemplo, Sócrates pode possuir um determinado peso e depois mudar de peso, e justamente pelo fato de poder mudar que esse conhecimento é mais fraco do que o conhecimento daquilo que a coisa é. Quando perguntamos “o que é X” ou “O que é Sócrates” e respondemos com a categoria da substância, ou seja, respondemos dizendo aquilo que a coisa é, temos um conhecimento universal, pois a essência da coisa não irá mudar, se “X for homem”, então X não deixará de ser homem.

Aristóteles apresenta em *Z 1 1028a31* alguns critérios para a substância: ela é primeira no tempo, em definição e na ordem do conhecimento:

Agora "primeiro" possui vários significados; mas, no entanto, a substância é primeira em todos os sentidos, tanto na definição quanto no conhecimento e no tempo. De fato, nenhuma das outras categorias pode existir separadamente, apenas a substância; e ela é primeira também na definição, porque na fórmula de cada coisa, a fórmula da substância deve ser inerente; e julgamos conhecer cada coisa em particular quando sabemos **o que** ela é (é "homem" ou "fogo"), mais do quando conhecemos de que quantidade ela é, ou onde ela está. (*Metafísica Z 1 1028a31*; ANGIONI, 2002, p. 19)

Analisando como a substância pode ser primeira no tempo, vemos que as outras categorias não podem existir de modo independente, somente a substância. Afinal, não podemos ter a cor azul flutuando solitária no espaço, mas podemos ter a cor azul em alguma coisa, seja numa cadeira ou em um livro. Dessa forma, sem a substância nada pode ser azul ou amarelo, ou estar em ação. Nesse sentido, ela é primeira no tempo.

Sobre ser primeira em definição, isso ocorre porque todo o resto responde ao ponto focal, ou seja, são categorias da substância. Em consequência, para que haja categorias, é necessário que, antes, a substância já esteja dada. Sobre ser primeira na ordem do conhecimento, ocorre porque do conhecimento dela decorrem os outros conhecimentos, afinal antes de descrever ou falar sobre algo, precisamos saber o que é. É um homem? É um animal? É uma mesa? É um livro?

Aristóteles também apresenta que questionar o que é a substância é o mesmo que se questionar sobre o ser, o que é

Pois bem, o que no passado e no presente foi sempre objeto de investigação e sempre objeto de dificuldades, o que é o ser, é isto: o que é a substância (quanto a isto, uns dizem que há uma única, outros que há mais do que uma, e uns dizem que é em número limitado, outros que é em número ilimitado); por esta razão nós devemos investigar sobretudo, primeira e, por assim dizer, unicamente o que é o ser concebido deste modo. (*Metafísica Z 1 1028b2-7*; ZINGANO, 2009, p. 14)

Sendo assim, Aristóteles substitui os questionamentos dos antecessores sobre o “ser” ao questionamento sobre a “substância” e inaugura sua doutrina da substância. Aristóteles usa a palavra grega ὑποχείμενα¹⁴, no plural, para se referir às coisas das quais uma ciência trata. No caso da *Metafísica*, embora tenha sido dito que se trata de uma ciência do ser, em *Zeta*, o ser é substituído pela noção de substância¹⁵:

Reputa-se que “essência” atribui-se de maneiras mais evidentes aos corpos. Por isso, afirmamos ser essências os animais, as plantas e suas parte, assim como os corpos naturais, isto é, fogo, água, terra e cada um deste tipo, e todo item que é parte destes ou é constituído deles (ou de partes, ou de todos), por exemplo, o céu e suas partes (estrelas, lua e sol). Devemos examinar se apenas estas coisas são essências, ou também outras, ou se apenas algumas delas ou também outras, ou se nenhuma delas, mas antes, certas outras. (*Metafísica VII 2 1028b8*; ANGIONI, 2002, p. 21)

¹⁴ K 4 1061b31.

¹⁵ Angioni (2002) opta por traduzir οὐσία por essência.

A partir desse segundo capítulo de Z, Aristóteles introduz as substâncias sensíveis, afinal tanto os corpos, os animais, as plantas, e os elementos são dotados de movimento e são compostos por forma e matéria. Por isso, eles são ditos substâncias sensíveis. Contudo, diferentemente de Z 2, em Z 3, são apresentados quatro candidatos à substância em *Met. Z 3 1028b33-36*

Substância é dita, senão de mais modos, principalmente em quatro acepções, a saber, a essência, o universal, o gênero, e, como quarto entre esses, o subjacente/substrato¹⁶. O substrato é aquilo a respeito do que as demais coisas são afirmadas, enquanto ele próprio não é predicado por nada mais; por isso, devemos primeiramente determinar sua natureza, pois, antes de tudo, reputa-se ser substância, o substrato. (*Metafísica Z 3 1028b33-36*; ANGIONI, 2002, p. 23)

Nesta passagem, há quatro candidatos à substância: a forma/essência, o universal, o gênero e o substrato. Desse modo encontramos que “o que é”, o universal, e o gênero se predicam do substrato/subjacente, pois ele é o indivíduo, o qual, recebe as predicções, pois todas as coisas se predicam do substrato, por exemplo, “Sócrates é grego”, assim vemos que “Sócrates” recebe a predicção das coisas, mas não é predicado de nenhuma, por isso dizemos “Sócrates é grego”, e não “grego é Sócrates”. Outro exemplo é o substrato “estátua”, que é composto pela matéria, a saber, bronze; a forma, a saber, o aspecto que configura. Porém, a forma é mais princípio que a matéria, porque a forma é aquilo que a coisa é, pois “se a forma é anterior à matéria e mais ente do que a matéria, também será anterior ao composto de ambas, pela mesma razão”. (*Metafísica Z 3 1029a2*, ANGIONI, 2002, p.23)

Assim, vemos que a substância não se afirma a respeito de algo subjacente, mas é aquilo a respeito de que as outras coisas são afirmadas. Como nota Zillig (2007, p. 5), há, no mínimo, dois tipos de multiplicidade semântica, na *Metafísica*, para a substância. Em primeiro lugar, a variedade de sentidos que se expressa na distinção entre substância e substância de algo. Em segundo lugar, a substância pode ser dita em um sentido da forma, em outro sentido, da matéria e, em outro, do composto de ambos. Parece, de fato, que o estudo da substância se mostra com uma multiplicidade de sentidos. Aparentemente, há algo que reforça o papel da substância, a saber, a mudança, pois a οὐσία deve atuar como um núcleo que não mudará apesar das diferentes mudanças que pode vir a sofrer; ela continuará a mesma. Para que o sujeito da mudança permaneça

16 Hypokeimenon

idêntico a si mesmo, é necessário que as propriedades que fazem dele o sujeito que ele é sejam preservadas apesar da alteração das outras propriedades. Dessa forma, Sócrates permanece idêntico a si mesmo porque não deixa de ser homem quando, por exemplo, engorda ou se bronzeia, pois o Sócrates bronzeado, ou o Sócrates obeso mantem-se ainda como Sócrates homem, apesar da mudança quantitativa ou qualitativa. Sendo assim, enquanto a substância de Sócrates (a saber, ser homem) permanece inalterada, Sócrates é o mesmo. Então há uma (a) substância independente que é Sócrates, que pode sofrer alterações nas propriedades, e há uma (b) substância dessa substância independente Sócrates que deve manter-se absolutamente inalterada. Sendo assim, a οὐσία é substância e é essência: o “termo “essência” é empregado para traduzir a οὐσία de” (ZILLIG, 2007, p. 6).

Vemos ainda que a substância Sócrates e a substância de Sócrates devem ser idênticas, pelo menos em certo sentido, para que a substância de Sócrates seja semelhante à substância Sócrates e não algo diferente. Porém, a (b) substância de Sócrates parece estar separada de a (a) substância Sócrates, pois a substância de uma substância independente admite cores, peso, bronzeamento, já a substância independente não admite. Porém, apesar dessa constatação demonstrada por Zillig de dois sentidos para a substância, a situação se complica no livro Z, pois a substância aparece como forma, matéria e composto em Z 3:

Em certo sentido, chamamos a matéria de substrato; de outro modo, a forma, e, em terceiro lugar, o conjunto de ambas. Por matéria, quero dizer, por exemplo, o bronze; por forma, o aspecto da figura; e pela combinação dos dois, o composto, a estátua. Assim, se a forma é anterior à matéria e mais ente do que a matéria, também será anterior ao composto de ambas, pela mesma razão. (*Metafísica Z 3 1029a2*; ROSS, 1928)

Sendo assim, cabe examinar, brevemente, esse vínculo entre os sentidos de substância indicados por Zillig e a substância compreendida como forma, matéria e composto. Para isso é necessário observar, segundo Zillig (2007, p. 8), “a noção de separado (*chōriston*), que supõe a identidade entre uma substância S e a substância de S. Um dado ser é separado, afinal, porque seu ser não inclui, como no caso de coisas não-separadas tais como as cores, uma referência a algo distinto”. Para que a οὐσία seja compreendida como substrato, é necessário analisar se a matéria separada da forma é

mesmo substância, afinal a matéria torna-se outra problemática dentre os candidatos elegíveis a substância.

Como apresentado em Z 3 1029a2, Aristóteles reconhece que a forma é um predicado da matéria, mas a matéria se torna um candidato inadequado a ser substância pelo fato de a matéria não ser capaz de satisfazer as características ligadas à noção de substância como, exemplo, ser algo determinado em si mesmo e ter relevância causal na explicação das propriedades que constituem o indivíduo, a substância primeira. Assim, a matéria sozinha não é suficiente para a existência de outras coisas do mundo. Porém, essas características são satisfeitas pela forma que também é um dos candidatos elegíveis ao título de οὐσία.

Vários problemas envolvem a ocorrência da matéria, pois ora a concepção de matéria aparece como princípio que explica o devir, ora aparece como uma concepção em que a matéria conta como elemento constituinte sem nenhuma relevância para a explicação do devir, e ora a matéria aparece como uma coisa independente em si mesma, à qual possui, como a forma, uma propriedade que não contribui para sua οὐσία e que não é condição necessária à sua existência.

Outras vezes, a matéria parece ser o elemento constituinte cuja existência dependeria do todo do qual é matéria. Em Z 3, parece ser este o sentido que a matéria concebe ao estar entre os candidatos elegíveis ao título de substância. Para que a substância seja compreendida como sujeito, ou seja, como o que é idêntico ao seu próprio ser, Aristóteles introduz ao fim do exame do ὑποκείμενον em Z3 as noções de este-algo e separado. Segundo Zillig (2007, p. 8) “quando o substrato é compreendido segundo essa limitação, a substância pode ser entendida de três modos, cada um dos quais correspondendo a uma maneira distinta de interpretar o substrato à luz da nova qualificação”.

O substrato é substância; de certo modo, em um sentido a matéria (por matéria quero dizer que o que não é um certo isto, mas é potencialmente um certo isto, uma coisa individual); e de outro modo a definição e a forma (que é um certo isto e logicamente separável); e em terceiro lugar, a combinação dos dois, da qual há geração e corrupção, e é separável. Afinal para substâncias no sentido de definição, alguns são separáveis e outros não. (*Metafísica* H 1 1042a26; ROSS, 1928)

Assim, o composto torna-se substrato das atribuições acidentais por ser princípio de independência e separado em pensamento. A forma é substrato na medida que

garante, para o composto, a condição de este-algo e separado. Por fim, a matéria, ao ser este-algo e separada em potência, corresponde ao substrato ao qual é atribuída a forma na geração do composto, sendo dessa forma elegível ao título de substância.

Em H 1, cada um dos três sentidos de substância é um sentido de substância na medida em que o substrato é compreendido a partir da condição de corresponder a este-algo e separado. Para Zillig (2007, p.9), “a unidade da noção de substância depende da relação de identidade entre uma substância S e a substância de S”. Se não houvesse essa identidade, elas seriam substâncias diferentes; o que não ocorre, pois vemos que a substância Sócrates possui identidade com a substância de Sócrates. O mesmo não ocorre com a substância Sócrates e a substância cadeira. É justamente nesse grau complexo de dificuldade que a substância aparece.

Dentre os princípios que devem ser universalmente observados por qualquer ontologia que pretenda manter a noção de mudança, destaca-se a identidade entre substância e substância de. Esse princípio não é explicitamente apresentado em Z1, mas é suposto quando é introduzida a distinção entre a substância e os seres dela dependentes. Além disso, ele está expresso na justaposição de *ti esti e tode ti*, que caracteriza a substância (1028a11-12). Essas duas expressões, quando aplicadas à substância, designam, respectivamente, a substância de e a substância como ser independente. (ZILLIG, 2007, p. 10)

Assim, vemos que a universalidade da relação entre a substância e os demais seres garante que tudo aquilo de que depende essa relação é respeitado pela ontologia como condição de possibilidade do estudo do ser em geral. Em Z 1 (1028a13-31), a noção de substância é correspondente ao que é ser em sentido primeiro, servindo de substrato aos demais seres.

No campo da lógica, a distinção entre a substância e os seres que dependem dela, aqueles que necessitam de uma substância como substrato, tem como consequência que os termos que designam seres (“caminhar” e o “estar saudável”) não são sujeitos. Assim, todo discurso sobre o ser fundamenta-se nas proposições em que a substância é sujeito como, por exemplo, o “homem estar caminhando”, ou o “homem ser saudável”. Neste sentido, o estudo do ser em geral revela-se como um estudo da substância, pois “a primazia da substância em relação aos demais seres é apresentada como característica estrutural da ontologia. Ela não pertence apenas ao âmbito das teses aristotélicas, mas está na base de qualquer projeto de estudo do ser em geral”. (ZILLIG, 2007, p. 9).

3.4.2 Definição de essência aplicada às substâncias sensíveis: Z 4-6 e 10-11

Anteriormente, foi apresentado como um dos candidatos elegíveis à substância “aquilo que o ser é”. Vemos em Z 4 que

Primeiramente, digamos algo a seu respeito de um ponto de vista lógico: o “aquilo que o ser é” de cada coisa é aquilo que se afirma dela em si mesma. Pois o *ser para ti* não é o *ser musical*, pois não é musical por ti mesmo. Mas o *ser para ti* nem é, seguramente, tudo isso [*sc.* que és por ti mesmo]: de fato, ele não é algo que se afirma “*em si mesmo*” do mesmo modo pelo qual, à superfície, em si mesma, se atribui o branco - porque *ser superfície* não é *ser branco*. [...] Assim, o enunciado do “aquilo que o ser é” de cada coisa será aquele no qual a própria coisa não estiver mencionada, e que a enuncie. (*Metafísica* Z 4 1029b13-21; ANGIONI, 2005, p. 27)

Nesta passagem, Aristóteles mostra que, para responder ao questionamento “o que é X?”, utilizamos a forma expressa no enunciado para dizer o que a coisa é. Por isso, quando perguntamos “o que é a superfície?”, se respondermos que “a superfície é branca”, não dizemos “o que a superfície é”, mas apenas acrescentamos um item à definição, pois essa superfície pode ser branca, ou azul ou vermelha. Para dizer o que de fato “é a superfície” precisamos responder pela substância, a saber, pela forma expressa na definição de superfície. Desse modo, “a definição é o enunciado do “aquilo que o ser é”, e o “aquilo que o ser é” é apenas das essências, ou sobretudo delas, primeiramente e sem mais” (ANGIONI, 2005, p. 37)

Encontramos em Z 10-11 a retomada da definição de essência aplicada à substância sensível e a elucidação sobre o impasse se é preciso ou não que o enunciado das partes esteja contido no enunciado do todo.

Dado que há matéria, forma e o composto delas, e dado que é essência tanto a matéria como a forma e também o composto delas, de certo modo, a matéria se diz parte de alguma essência, mas de outro modo, se diz ser parte da essência não a matéria, mas aquilo de que se constitui a definição da forma. Por exemplo, a carne não é parte da concavidade (pois ela é a matéria na qual vem a ser a concavidade), mas é parte da *aduncidade*; e o bronze é parte da estátua composta, mas não da estátua assumida como forma. (*Metafísica* Z 10 1035a1; ANGIONI, 2005, p. 61)

Sendo assim, vemos que de fato a matéria, a forma e o composto são substâncias, mas a matéria por um lado se diz parte da substância, pois ela é, por

exemplo, o bronze que compõem a estátua composta, mas por outro lado, ela não constitui a definição da forma, pensando a estátua assumida como forma.

3.4.3 O vir a ser das substâncias sensíveis: Z 7-9

Apesar das dificuldades encontradas em Z 7-9, vale ressaltar brevemente a existência de uma hipótese sobre a inserção tardia¹⁷ desses capítulos em Z. Essa hipótese defende que a discussão de Z 10 conecta-se mais diretamente com Z 4-6 do que com 7-9, tendo em vista que o resumo encontrado em Z 11 sobre o percurso do livro Z não faz qualquer menção ao conteúdo de Z 7-9. Além disso, em Z 7-9 encontraríamos um material pouco relevante para a discussão geral de Z como, por exemplo, o caso da geração espontânea. Esses fatores viriam a sugerir que o conjunto de capítulos 7-9 foi inserido tardiamente no livro Z.

Z 7 explora a natureza da substância considerando os particulares concretos como compostos de matéria e forma. Aristóteles passa a aplicar à forma a expressão “substância primeira” que, nas *Categorias*, era atribuída aos particulares concretos (um homem ou um cavalo). Ao menos em uma perspectiva, a realidade dos particulares concretos é derivada da relação entre as suas partes (matéria e forma) de modo que os particulares concretos não seriam mais seres ontologicamente primários.

Cabe ressaltar ainda que, com relação à multiplicidade de sentidos do termo “substância” em Z 3 1028b33-36, há ao menos quatro acepções que Aristóteles destaca: a forma, o universal, o gênero e o *ύποχείμενον*. Dentre essas opções se mantém o *ύποχείμενον* como substância. Contudo, quando dizemos que se algo é substância, então é composto, eliminamos as substâncias não-sensíveis apresentadas no livro Λ .

Em *Metafísica* Z 1 vemos que

São três as essências: uma é sensível – desta, uma é eterna, outra, perecível, a qual todos admitem, por exemplo, as plantas e os animais – cujos elementos é necessário apreender se são um só ou muitos. Outra essência é não-suscetível de movimento, e esta, alguns dizem que existe separadamente, uns, dividindo-a em duas, outros, considerando as Formas e as coisas matemáticas como uma única natureza, outros, enfim, considerando apenas as coisas matemáticas. Aquelas competem à ciência da natureza (pois se dão com o movimento), mas esta compete a outra, dado que nenhum princípio lhes é comum. (*Metafísica* Z 1 1069a30; ANGIONI, 2005, p. 202)

¹⁷ ZILLIG, 2021.

Nesta passagem, encontramos a apresentação das três substâncias. A primeira é a substância sensível que é objeto da física dado o movimento. Ela é subdividida em substância sensível eterna e substância sensível corruptível. A terceira substância é a não-suscetível de movimento (imóvel). As espécies de substâncias sensíveis são objeto da *Física* porque estão sujeitas ao movimento, já a substância imóvel é objeto de outra ciência, a filosofia primeira, pois não existe princípio comum a ela e as outras duas substâncias sensíveis. Analisando as substâncias não-sensíveis, encontramos em Z 6

Dado que eram três as essências, duas naturais e outra não-suscetível de movimento, a respeito desta última, devemos dizer que, necessariamente, ela é uma essência não-suscetível de movimento e eterna. De fato, as essências são primeiras entre os entes, e, se todas elas fossem suscetíveis de destruição, tudo seria suscetível de destruição. No entanto, é impossível que o movimento venha a ser, ou deixe de ser (pois sempre existiu), assim como o tempo, pois não é possível haver algo anterior e algo posterior, se não há tempo. Ora, o movimento é contínuo do mesmo modo que o tempo, pois este é a mesma coisa, ou é certa afecção do movimento. Não é senão o movimento local que é contínuo, e, entre seus tipos, o movimento em círculo. (*Metafísica Z 6 1071b3*; ANGIONI, 2005, p. 208)

Aristóteles propõe a demonstração da substância supra-sensível, imóvel e eterna, e constata que as substâncias têm prioridade a todas ou outros modos de ser, pois ela é primeira entre os seres. Se todas as substâncias fossem corruptíveis, então tudo o que existe seria corruptível. Contudo, é impossível que o movimento eterno seja corruptível, que ele se gere e se corrompa, pois ele é contínuo, sempre foi e continuará sendo.

Na exposição do movimento referente à substância não-sensível, Aristóteles diz que “dado que aquilo que é movido e propicia movimento é intermediário, há algo que propicia movimento sem ser movido, sendo uma essência e uma atividade eterna” (*Metafísica Λ 7 1072a24*; ANGIONI, 2005, p. 210). Assim, pelo que foi brevemente exposto, “é evidente que há uma essência eterna, não-suscetível de movimento e separada das coisas sensíveis” (*Metafísica Λ 7 1073a3*, ANGIONI, 2005, p. 212).

Tendo isso em vista o livro *Lambda*, deparamo-nos com um problema envolvendo a noção de οὐσία e sua relação com o ὑποχείμενον (entendido como composto de matéria e forma). Assim,

- (i) se é substância, é ὑποχείμενον;
- (ii) substâncias não-sensíveis são eliminadas da condição de ser substância;
- (iii) mas substâncias não-sensíveis são substâncias.

Então,

(i.i) Hipótese 1: *ὑποχείμενον* não é elegível a substância (FALSO pelas passagens das *Categorias* e *Metafísica* apresentadas neste trabalho);

(ii.i) Hipótese 2: substâncias não-sensíveis não são substâncias (FALSO pelas passagens do livro Λ da *Metafísica*)

Portanto, mantendo o *ὑποχείμενον* como um dos candidatos ao título de substância, faz-se necessária uma mudança na articulação entre os conceitos, pois, quando dizemos que (i) se é substância, é *ὑποχείμενον*, acabamos por excluir as substâncias não-sensíveis. Logo, poderíamos inverter e considerar que se x é *ὑποχείμενον*, então x é substância, não o contrário. Assim, todo *ὑποχείμενον* seria uma substância, mas nem toda substância seria um *ὑποχείμενον*:

(i) nem toda substância é *ὑποχείμενον*;

(ii) substâncias não-sensíveis não são eliminadas da condição de ser substância.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada essa pequena apresentação da investigação aristotélica sobre o ser e a substância na *Metafísica*, percebe-se que as dificuldades que o texto de Aristóteles apresenta quanto a noção de οὐσία aumentam ao longo dos livros que constituem a obra. A discussão se complica ainda mais quando analisamos em conjunto com a *Metafísica* o tratado das *Categorias*, no qual Aristóteles possui uma visão sobre a substância primária que, a princípio, mostra-se diferente da visão de substância primária apresentada na *Metafísica Z*. Nas *Categorias*, encontramos como substâncias primárias indivíduos como Sócrates, os sujeitos lógicos primários dos quais as propriedades se predicam. A substância primeira é definida como aquela que não está no sujeito (*ὑποχείμενον*), nem se diz do sujeito (*ὑποχείμενον*). Já a substância segunda é definida como os gêneros e as espécies sob os quais caem as substâncias primeiras.

Desse modo, nas *Categorias*, Aristóteles propõe que a substância primeira são os indivíduos e a substância segunda são as noções universais pelas quais classificamos os indivíduos pelas suas propriedades essenciais. O critério para essa hierarquia parece ser a noção de subjacência, pois os indivíduos subjazem a tudo o mais. Porém, na

Metafísica algo muda em relação às *Categorias*. Na *Metafísica*, tem-se uma perspectiva segundo a qual o indivíduo deixa de ser a entidade mais básica e passa a ser analisado em termos de matéria e forma, o composto hilemórfico. Por isso, o indivíduo perde o título de subjacente último e, assim, perde o título de substância primeira.

Deste modo, esta monografia se ocupou das dificuldades envolvendo os conceitos de ser, no capítulo 1, e de substância, no capítulo 2. Após uma breve análise de como os termos se apresentam, apoiando-se na biografia secundária, ressaltou-se que há, na *Metafísica*, uma ciência da substância, a saber, uma ousiologia.

Apesar de terem sido destacados alguns aspectos envolvendo a noção de οὐσία, ainda mantém-se a dificuldade de compreensão dos tipos de substância e das suas ocorrências nos textos de Aristóteles (*Categorias*, *Metafísica Z e L*).

3.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGIONI, L. **As quatro causas na filosofia da natureza de Aristóteles. Anais de Filosofia Clássica**, vol. V, 2011.

ANGIONI, L. *Metafísica V, 1-8*. Phaos 3, 2003, p.5-21.

ANGIONI, L. **O léxico filosófico de Aristóteles (II): comentários a Metafísica V.9-17**. In: *Dissertatio* 46, 2017, p.184-215.

ANGIONI, L. **O vocabulário do ser em Aristóteles**. Boletim do CPA, Campinas, nº4, jul./dez. 1997.

ANGIONI, L. **As noções aristotélicas de substância e essência**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

ANGIONI, L. **Aristóteles Metafísica Livros I, II e III**. Clássicos da Filosofia: Campinas: Cadernos de Tradução nº15. IFCH/UNICAMP, fevereiro de 2008.

ANGIONI, L. **Aristóteles Metafísica Livros VII e VIII**. IFCH/UNICAMP: Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 11. 2005.

ANGIONI, L. **Aristóteles Metafísica Livros IV e VI**. IFCH/UNICAMP: Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n° 14. 2007.

ANGIONI, L. **Aristóteles Metafísica Livros VII e VIII**. IFCH/UNICAMP: Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n°11. 2005

ARISTÓTELES; **Categories and De Interpretatione**; Tradução de ACKRILL J L; Oxford: Oxford University Press; 2002

CECÍLIO, G. **O próêmio da Metafísica de Aristóteles: uma interpretação de Metaph. A1**. Brasil: archai, 2018.

CECÍLIO, G. **A INTERPRETAÇÃO EVOLUTIVA DE WERNER JAEGER DA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES: uma análise crítica**. ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, edição v. 10, n. 20, 2016

JAEGER, W. *Fundamentos para a história de seu desenvolvimento*, publicado em 1923. Foi utilizado neste trabalho a edição mexicana: *Aristóteles: base para la historia de su desarrollo intelectual*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

MARTINEZ, T. **Metafísica**. Madrid: Editorial Gredos, S.A., primera edición, 1994.

OWENS, J. **Doctrine of Being in the Aristotelian “Metaphysics”**: A study in the greek bachground of medieval thought. Pontifical Institute of Mediaeval Studies. Toronto, Canada. 1951.

ROSS, W. D. **Aristotle’s Metaphysics (2 vols.)**, Oxford: Clarendon Press, 1928.

ROSS, D. **Aristóteles**. Edição portuguesa, Lisboa: Dom Quixote, 1987.

WOLFF, F. **Dois destinos possíveis da ontologia: via categoria e via física**. Analytica, volume 1, 1996.

YEBRA, V. G. **Metafísica Aristóteles**, Edición Electrónica de www.philosophia.cl/ /
Escuela de Filosofía Universidad ARCIS.

ZILLIG, R. Metafísica VII 7-8: o vir a ser e as formas substanciais. 2021

ZILLIG, R. **Sobre os múltiplos sentidos de substância: nota acerca de Metafísica Z3, 1028b33-34**. Rio Grande do Sul: Journal os Ancient Philosophy, Vol. 1, 2007.

ZINGANO, M. **A homonímia do ser e o projeto metafísico de Aristóteles**. Revista Dissertatio, Pelotas (5), p. 5-31, Inverno de 1997.

ZINGANO, M. **Metafísica de Aristóteles**. São Paulo: Filósofos na sala de aula, vol. 3, 2009.

ZINGANO, M. **Notas sobre o Princípio de Não Contradição em Aristóteles**. Cad. Hist. Ci., Campinas, Série 3, v. 13, n. 1, p. 7-32, jan.-jun. 2003.



ANA GABRIELA VILHENA DE MELLO SANTOS

PLANO DE CURSO

Plano de Curso de Filosofia para o ensino médio apresentado ao Colegiado do Curso de Filosofia, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Prof. (a) Dr. Meline Costa Sousa
Orientadora

LAVRAS-MG
2022

4 PLANO DE CURSO

4.1 INTRODUÇÃO

Este Plano de Curso foi elaborado baseado nas experiências de Estágio Obrigatório 3 e 4 realizado no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, localizado em Lavras/MG, e tem como propósito fornecer aos alunos do 3º ano do ensino médio, durante um ano letivo, uma introdução e também revisão (para os alunos que já tiveram contato anterior) à Filosofia Antiga, Moderna, Política e temáticas filosóficas com o auxílio do material didático SAS, mas seguindo breves adaptações, este plano pode ser aplicado em outros colégios que não utilizem o material didático Ari de Sá (SAS), e pode também ser utilizado para a introdução em Filosofia no 1º ano do ensino médio, visto que para aqueles que utilizam o sistema SAS, as aulas introduzidas no 1º do ensino médio são revisadas no 3º do ensino médio com vistas ao ENEM.

Pretende-se trabalhar com os alunos uma abordagem de metodologias ativas que possam incentivá-los a exercitarem o pensamento conceitual e não apenas fazer uma mera transmissão de fatos históricos, como o método bancário propõe, que acrescentará pouco na formação do aluno, visto que com o passar do tempo, eles tendem a esquecer as informações decoradas de fatos históricos. Portanto, o objetivo principal é fazer os alunos criarem e compreenderem determinados conceitos estudados no semestre e aplicá-los ao seu dia a dia em sociedade. Para isso, eles vão aprender a exercitar o espírito filosófico e questionador, que está adormecido dentro de cada aluno, e uma vez despertados para as questões filosóficas poderão aplicar os conceitos em outras áreas do conhecimento.

Este plano de curso explora principalmente como aplicar esta monografia “Sobre as noções de ser e substância na Metafísica de Aristóteles” no ensino médio como forma de incentivar os alunos a se aventurarem por temas considerados difíceis na história da filosofia, mas que com a devida orientação podem ser discutidos em aulas temáticas e incentivar o despertar filosófico para criarem pensamentos críticos a respeito do mundo, pensamentos que além de serem utilizados em redações do ENEM, poderão influenciar na formação de cidadãos críticos para a sociedade lavrense. Para a realização deste plano foi feito um estudo de caso com a aplicação de uma aula sobre esta monografia para o 3º ensino médio e para o ensino superior.

4.1.1 Análise da BNCC e do CBC/MG

A BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia propõem a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Ela identifica no interior da área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas onze categorias, sendo elas o Tempo e Espaço, Território e Fronteira, Indivíduo e Natureza, Sociedade, Cultura, Ética, Política e Trabalho. No CBC/MG encontramos uma proposta de Conteúdo Básico Comum (CBC) para a área de Filosofia, com uma introdução sobre ‘o para que’ da filosofia com diretrizes para o Ensino de Filosofia, possuindo critérios para o Ensino, avaliações e conteúdo Básico Comum, com apontamentos para as atitudes próprias da Filosofia, sendo elas o problematizar, o refletir, o perceber, o conceituar e o argumentar. Sendo que os campos de investigação identificados pelo CBC/MG Filosofia são o ser humano, agir e poder, e conhecer. A BNCC identifica seis competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o ensino médio, primeiramente analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial; depois analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações; e ainda analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza e seus impactos econômicos; como também analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas. Também identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos e solidários; participando do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições. Todas essas competências específicas apontadas se relacionam diretamente com a Filosofia exposta no CBC/MG, pois *‘a questão da utilidade da Filosofia é tão antiga quanto estrutural’* (2018, pág. 7), ela atua na formação crítica e torna-se um elemento decisivo na redescoberta da educação para a cidadania. Através da história da filosofia, iniciando-se na Grécia Antiga com Sócrates e o debate público, passando por Platão e Aristóteles, encontramos ricos textos sobre ética e o ser humano, migrando para Filosofia Árabe, idade média, modernidade, Filosofia Alemã e francesa podemos analisar desde processos políticos e econômicos, formações de territórios e fronteiras em diferentes tempos, até discussões sobre produção de capital, princípios éticos e

debate público. A CBC/MG é construída de modo satisfatório a BNCC, e é um norte para um ensino comum de filosofia entre os professores.

4.1.2 A filosofia no ensino médio: pontos de vistas antes de depois da BNCC

O departamento de filosofia da Universidade Federal de Lavras (UFLA) ofereceu o Evento Remoto de Extensão para o Estágio Curricular Supervisionado da Licenciatura em Filosofia – Edição 2020/2, realizado remotamente por conta da pandemia, no qual assistimos as entrevistas dos professores: Evaldo Sampaio; Sílvio Galo; Rogério Basali; Ricardo Henrique Andrade e Gislene Vale dos Santos no YouTube. Os primeiros três docentes foram entrevistados antes da BNCC vigorar; ao passo que os últimos dois apresentaram suas reflexões já considerando a implementação da BNCC. As principais teses defendidas por eles envolviam perspectivas do ensino da filosofia, sendo que Evaldo Sampaio defendeu o ensino de métodos diferentes, ou seja, ensinar história da filosofia e ensinar filosofia através de problemas, não sendo necessário que um método exclua o outro, devem ser utilizados em conjunto. Já o entrevistado Sílvio Galo dissertou sobre a ausência da filosofia na educação brasileira, e conversou sobre o currículo do ensino médio ser baseado na tradição e como filosofia e sociologia não fazem parte dessa tradição devemos justificar sua importância e produzir seus meios, como a produção de material didático para ensino de filosofia. Por outro lado, o entrevistado Rogério Basali dissertou sobre a ampliação da filosofia para educação básica e a necessidade de compreender que a filosofia é um saber que se conecta a outros saberes, ela tem um diálogo com as outras disciplinas, e as ajuda a produzir sentido. Sendo que o trabalho da filosofia age com a paciência do conceito, paciência com a produção de conceitos, devemos pensar a formação de professores de filosofia, como a ANPOF ensino médio, afinal ser um grande pesquisador de filosofia não te torna um grande professor de filosofia, visto as diferentes aptidões necessárias. O entrevistado Ricardo Henrique Andrade disserta sobre o ensinar filosofia no ensino médio com posicionamentos contra a filosofia, por exemplo a falta de qualidade na formação de docentes e a complexidade da filosofia para ser ensinada no ensino médio, ele fala sobre a lei de diretrizes e bases; e o currículo escolar de filosofia com a BNCC. Ele revê a filosofia no Brasil, seu histórico e suas condições, pois existe uma acomodação cultural em relação a filosofia no Brasil, como se ela fosse recusada. E também o problema de formação de professores de filosofia e a deficiência da escola pública para o ensino, além da redução de interesse pela leitura. Todos fatores que

empurram a filosofia a um plano secundário. E por fim, a entrevistada Gislene Vale dos Santos disserta sobre como o ensino da filosofia se põe a mesa, e fala da importância do programa PIBID e residência pedagógica para a atuação dos futuros professores em sala de aula.

Dentre essas entrevistas a fala do entrevistado Evaldo Sampaio sobre os caminhos que tomamos para a busca da sabedoria é cara a filosofia, pois ele ressalta o ensinar filosofia através de problemas, como por exemplo adentrar a questão da virtude e discutir sobre se ela pode ser ensinada, gera o risco de cair em falatório, e os alunos se exprimiram até a última gota para tentar dizer algo que não será produtivo, pois ainda falta o conhecimento para a discussão. Mas, por outro lado ensinar história da filosofia, como por exemplo através de Aristóteles para observar se a virtude pode ou não ser ensinada, acaba por tornar os alunos ruminadores de textos, perdendo o lado filosófico.

O curso de filosofia no Brasil teve início pela missão francesa em 1934 e foi iniciado com o estudo da história da filosofia, para que no futuro os alunos estudados com os textos de filósofos pudessem aprender a fazer filosofia, como aquela compreendida no mundo, e se tornassem filósofos. A história da filosofia seria ela em si filosófica, diferente da história da ciência que se trata da história de erros. A história da filosofia como leitura estrutural pode identificar se o filósofo na estrutura do seu texto construiu bons argumentos, com boas teses e com problemas articulados, dessa forma, o texto filosófico será verdadeiro dentro de sua estrutura, independente da sucessão de filósofos que vierem depois. Mas vemos que a história da filosofia poderia não ser ela em si filosófica, pois os alunos brasileiros formados pelo estudo sistemático da estrutura de texto não são capazes de produzir filosofia a maneira dos filósofos que eles leem, fazem apenas comentários dos textos, logo é possível pensar que a história da filosofia possui algo que impede que os alunos façam filosofia como o restante do mundo. E para Evaldo Sampaio a filosofia deve ser ensinada com diferentes meios, pois eles não devem se excluir, assim tanto a história da filosofia quanto a filosofia em si deveriam ser ensinadas.

4.1.3 Formação e Capacitação Docente: Debates sobre o ensino de Filosofia no ensino médio

Ainda sobre o evento remoto, discutimos posicionamentos diversos a respeito da importância do ensino de Filosofia no Ensino Médio. Assistimos ao filme “*Ensino de Filosofia: Em defesa do pensamento crítico*”, e ao debate sobre “*defesa do ensino de*

filosofia no Ensino Médio”. Posteriormente lemos os textos CEPAS, Filipe. *O ensino de filosofia como ‘questão clássica’ na tradição do pensamento filosófico* e *Desencontros entre ensinar e aprender filosofia*. Ensaio de filosofia nos trópicos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

O filme *‘Ensino de Filosofia: Em defesa do pensamento crítico’*, dirigido por Vladimir Santafé e Diego Felipe, observa como a filosofia assume posicionamentos políticos de determinada sociedade. Durante as entrevistas com os professores de filosofia vemos que o discurso da filosofia é incômodo para os políticos e até mesmo para seus alunos, pois ela desperta no aluno a capacidade crítica e reflexiva para que ele se torne um militante da educação, lutando contra preconceitos instaurados pela religião e sociedade, tornando-se assim um aluno apto as reflexões sobre o mundo.

O debate sobre a *defesa do ensino de filosofia no ensino médio* reúne professores para discutir sobre a situação da filosofia no ensino médio sob os olhos do documentário *‘Ensino de Filosofia: Em defesa do pensamento crítico’*. O professor Dalton Alves fala sobre a abordagem histórica da filosofia no ensino médio e sobre a perseguição que a disciplina sofreu, destacou seus aspectos conservadores na época do império e sua mudança revolucionária na república depois do golpe de 64. Já o entrevistado Felipe Ceppas fala sobre os avanços positivos da filosofia, dentro da universidade observamos maior dedicação a área de ensino além da área de pesquisa, e discute o contexto de obrigatoriedade da disciplina de filosofia no Ensino Médio. Vemos o avanço de mecanismos de ensino como o PIBID que beneficiou experiências para os alunos, e o professor Felipe cita que os alunos gostam de filosofia, inclusive para as crianças do ensino fundamental. E o professor Marcelo Guimarães comenta sobre como está a resistência para defesa da manutenção da Filosofia e comenta sobre a Base Nacional Comum Curricular. O Objetivo é criar uma democracia que ofereça uma escola com filosofia desde a sua base, pois a filosofia contribuiu para a consciência de uma sociedade autônoma e coletivamente capaz de produzir sentidos para nossa existência.

Já o texto *“O ensino de filosofia como ‘questão clássica’ na tradição do pensamento filosófico”*, vemos que o autor Filipe Ceppas mostra que a questão do ensino-aprendizado está presente desde a história da filosofia, e todo pensar tem um compromisso com o outro, pois a atividade filosófica gera esse compromisso com o outro que lê seu livro, ou escuta seu debate, é um processo de ensino-aprendizado. Hannah Arendt conecta o agir e o pensar através da faculdade do juízo, e o pensamento

lida com o invisível, representações de coisas ausentes. E para Platão o pensar e o ajuizar caminham juntos, assim saber o que é o bem, não se separa da questão de ensinar o bem na pólis. Hoje o ensino da filosofia não deve se preocupar com o que se pode ensinar aos jovens e as crianças, mas devemos focar no que podemos aprender com eles durante o ensino e pensar com eles.

E sobre o texto “Desencontros entre ensinar e aprender filosofia”, observo que o autor Filipe Ceppas diz que o bom professor é aquele que ‘passa bem a matéria’, ou seja, aquele que transmite o conhecimento de maneira eficiente e contribui para que o aluno o ultrapasse. É interessante a maneira que o autor vê o professor como um suicida que escolhe morrer para que o aluno nasça ultrapassando a matéria do professor. Ele investiga a definição de ‘transmitir’ e associa suas definições com o ato de ensinar filosofia, e além de transmitir filosofia, também o aluno se faz sentir a disciplina.

4.2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVO GERAL

O planejamento curricular é uma ferramenta que o professor dispõe para auxiliar e organizar os conteúdos que serão ministrados durante o semestre letivo. Este plano de curso oferece uma metodologia de ensino que introduz o tema desta monografia no planejamento de aulas para ensino médio. A filosofia aristotélica é apresentada aos alunos como um óculos para observar o mundo ao seu redor, sendo assim, o objetivo geral deste plano de curso é proporcionar ao aluno uma visão cotidiana da filosofia através de conceitos base da história da filosofia.

A Filosofia Antiga é apresentada neste plano como a base para compreender a vida interior do estudante e também suas ações como cidadão lavrense. Também os conceitos de Filosofia Moderna são movimentados para discutir temas como Bioética envolvendo as varredeiras de Lavras, virtude e ética, o novo belo e o agir do ser humano contemporâneo.

4.3 METODOLOGIA

Propõe-se um plano de aula para um ano letivo, contemplando uma introdução e revisão à Filosofia Antiga, Filosofia Política e temáticas filosóficas na modernidade. Para cada bimestre estarão configuradas 08 (oito) aulas, com duração de 50 (cinquenta) minutos e uma aula por semana contemplando o 3º do ensino médio. Todas as aulas apresentam a dinâmica entre teoria expositiva e questionamento dessa teoria na vida do aluno enquanto cidadão, seguindo as metodologias ativas.

No campo da educação, as Metodologias Ativas atuam como uma proposta para solucionar o ensino tradicional bancário (FREIRE, 1982, p.80 apud MATTAR, 2017), o qual mantém a estrutura do professor como detentor do conhecimento que irá fornecer ao aluno o estudo de determinados conteúdos, e neste método tradicional de ensino o aluno é visto como um receptáculo que irá armazenar os conteúdos aplicados pelo professor. O aprendizado, dessa perspectiva reduz-se a adquirir, armazenar e apresentar a resposta correta, programada, geralmente aquela já revelada pelo professor ou pelo livro didático, mas a finalidade da escola não pode ficar restrita ao ensino e à aprendizagem de conteúdos estabelecidos pelo currículo e organizados em livros didáticos em que apenas o professor atua como agente ativo para a prática metodológica.

A educação deve estar aberta ao desenvolvimento de “capacidades, competências ou qualidades humanas fundamentais que o cidadão contemporâneo precisa para viver satisfatoriamente em complexos contextos da era da informação” (GÓMEZ, 2015, p. 46). Para que esse desenvolvimento ocorra, o modelo de ensino tradicional precisa dar lugar a modelos cujo foco seja a aprendizagem ativa por meio de resolução de problemas, superação de desafios, atividades baseadas em jogos que considerem a produção de conhecimento individual e coletiva, a formulação de projetos pessoais e de equipe. Essa mudança requer currículos inovadores, participação docente, organização de atividades, de espaços e de tempos escolares.

Dessa forma, encontramos as Metodologias Ativas como uma proposta de compreender o novo aprendizado da era da informação, e situar o aluno como agente ativo no ato de aprender. Sendo assim, “conceitua-se como metodologias ativas aquelas em que os estudantes se assumem como autores do próprio conhecimento, sendo essa autoria uma vontade própria de realização” (VENTURA, 2020, p.2). As Metodologias Ativas privilegiam o aprendizado baseado em problemas e situações reais que os alunos vivenciarão futuramente em ambientes profissionais, ela compreende que o aluno não atua apenas como um receptáculo que irá armazenar as informações, mas ele também é agente ativo na mesma medida que o professor, pois, o aluno sendo autor do seu próprio conhecimento, ele irá agir através das diferentes atividades envolvidas com a Metodologias Ativas, seja a prática de sala de aula invertida, ou peer instruction, ou brainstorming, ou mapa conceitual, ou qualquer outra atividade ativa que compreenda o aluno como aquele irá atuar diretamente na própria educação para conseguir selecionar e de fato apreender o conteúdo oferecido pela escola.

4.3.1 ESTUDO DE CASO

Este trabalho aplicou o conceito de Metodologia Ativa no ensino de Filosofia para contemplar o tema “Noções de ser e substância na Metafísica de Aristotélica”. Esta aula ocorreu em dois níveis diferentes: no 3º do ensino médio da rede privada SAS em Lavras-MG, e no ensino superior de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Lavras (UFLA) na disciplina de “Projeto Integrador III: Práticas e Metodologias de Ensino e Filosofia”.

4.3.1.1 Estrutura teórica da aula

A estrutura da aula foi dividida em dois conceitos para abarcar a *Metafísica* de Aristóteles, primeiramente é discutido o significado do termo “ser” e depois analisamos como ele se conecta ao termo “substância”/ousía.

Dado que a reflexão filosófica grega desde a Antiguidade se ocupou da questão do ser: ‘o que é aquilo que é’, e Aristóteles reformulou essa questão para uma nova: ‘o que é a substância’, sendo que investigar ‘aquilo que é’, é o mesmo que investigar a ‘substância’. Devemos, então, analisar os dois termos para que os alunos compreendem minimamente o que é a Metafísica e quem é o homem de saber metafísico, pois ainda hoje, a questão do ser faz se presente no cotidiano das pessoas, afinal o homem sempre volta a se questionar sobre ‘o que é aquilo que é’, o que é o ser. E para esta investigação utilizamos o livro Gamma da *Metafísica* de Aristóteles, passagem *Met. Gamma* 4 1003a 21 - 1003b1, para introdução da ontologia e investigação do ser, e o livro Zeta para investigação da Teoria da Substância (ousiologia), passagem *Met. Z* 1 1028a31 e *Met. Z* 3 1028b33-1029a2, juntamente com recortes específicos do livro Delta, passagem *Met. Δ* 8 1007b 23-26, e do capítulo quinto da obra *Categorias* de Aristóteles, passagem *Cat.* 5 2a11-14. A proposta deste tema, que deve ser aplicado em um conjunto de duas aulas de 50 minutos, é introduzir brevemente, no Ensino Médio, a complexidade da questão da ousía no projeto metafísico, e para isto o professor responsável pela aplicação das Metodologias Ativas deve observar a personalidade da sala de aula em que irá aplicar o tema para que a abordagem siga o ritmo dos alunos. Já no caso da aplicação em Ensino Superior, este tema prevê apenas uma aula de uma hora e meia, e a leitura das passagens selecionadas é obrigatória para continuidade das práticas metodológicas ativas.

As Metodologias Ativas escolhidas para a aplicação deste tema foram a Tempestade Cerebral (brainstorming), aula dialogada expositiva, Metodologia de

Pesquisa e de Problema. Também foram utilizados audiovisuais, como vídeos da plataforma You Tube e slide para projeção dos textos que os alunos analisarem.

4.3.1.1.1 Ensino médio

Na aplicação do tema para o 3º ano do Ensino Médio, iniciamos a primeira aula com a metodologia ativa de brainstorming, e utilizamos o quadro para escrevermos o que os alunos entendiam até aquele momento sobre o termo “ser” e “substância”. Após apresentada as opiniões dos estudantes, a professora utilizou a plataforma do You Tube para uma exposição de dois vídeos contendo uma breve explicação do que esses termos significam dentro do campo da Metafísica de Aristóteles. Os vídeos são pitches do Congresso de Iniciação Científica da UFLA (CIUFLA), com informações de filosofia aristotélica para a comunidade.

- Link vídeo 1 sobre a ousia: [Sobre a noção de “ousia” na Metafísica de Aristóteles - YouTube](#)
- Link vídeo 2 sobre o ser: [Sobre as noções de ser e substância na Metafísica de Aristóteles - YouTube](#)

Após a exposição audiovisual, um momento deve ser separado para sanar as dúvidas que ocorrem entre os alunos dada a diferença entre o que eles entendiam pela exposição dos termos “ser” e “substância”, e o que Aristóteles propõe com esses termos. Como recurso didático pode ser apresentado no projetor o vídeo de como funciona a Lanterna Mágica, para explicar aos alunos a diferença entre o mundo das Ideias de Platão e a matéria para Aristóteles.

- Link vídeo sobre Lanterna Mágica: [lanterna magica - YouTube](#)

Na segunda aula separada para este tema, iniciamos com a metodologia de pesquisa através das passagens organizadas em slides e papel impresso pela professora que são oferecidos aos alunos como textos para que eles pesquisem “o que é o ser e a substância dentro do universo aristotélico”. Após a pesquisa, os alunos são convidados para prática da metodologia de problema, na qual, os alunos devem apresentar quais os problemas encontrados dentro da pesquisa, esses problemas podem ser de dificuldade de entendimento do vídeo e dos textos, ou de incompatibilidade do foi encontrado na pesquisa em relação ao uso atual desses termos na nossa era da informação. Para uma boa realização da metodologia de problema, o professor precisa estar atento a situação dos alunos e mostrar-se disposto a adaptar o significado, que Aristóteles oferece para esses termos, para os dias atuais. É importante ressaltar que no nível de educação

básica, como o ensino médio, os alunos olham para a filosofia como um despertar filosófico, e o professor possui esse papel de “despertador” que irá através das suas aulas introduzir noções filosóficas aplicadas ao cotidiano para o aluno construa seu interesse nessa disciplina e possa aprofundar seus conhecimentos no futuro.

4.3.1.1.2 Ensino Superior

Para aplicação deste tema no contexto do Ensino Superior de Licenciatura em Filosofia foi aplicado a metodologia ativa de aula expositiva durante uma aula de uma hora e meia.

Os alunos receberam todas as passagens impressas para acompanhar a leitura e a exposição da análise estrutural do texto de Aristóteles. Essa exposição também pode ocorrer através de slides, ou texto impresso. E após a análise minuciosa das passagens é aberto um momento para sanar as dúvidas e dialogar sobre a exposição.

4.3.2 METODOLOGIAS ATIVAS ESCOLHIDAS

As Metodologias Ativas escolhidas para a aplicação deste tema no ensino médio foram a Tempestade Cerebral (brainstorming), e Metodologia de Pesquisa e de Problema. E para o ensino superior foi escolhido a metodologia ativa de aula dialogada expositiva.

4.3.2.1 Brainstorming

Brainstorming (ou tempestade de ideias) é uma técnica criativa para grupos para solução de um problema específico. Isso é feito ao reunir uma lista de ideias contribuídas pelos membros da equipe de maneira espontânea. O professor ao questionar os alunos sobre o que eles compreendem sobre determinado termo ou assunto, gerará uma tempestade cerebral entre os alunos, pois eles iram reunir diferentes opiniões sobre o que determinada coisa ou assunto é.

Essa técnica é importante para as organizações visto que ela busca por soluções de forma conjunta possibilitando uma perspectiva ampla de ideias e maneiras de se resolver um problema facilitando a escolha da melhor decisão. “Com o brainstorming, é possível aproveitar toda a criatividade e inteligência de colaboradores das mais diferentes áreas para construir um plano de ação amplo e assertivo frente a um problema” (GRANADO, 2020, p.2)

A técnica de brainstorming deve ser utilizada no início quando coletarmos ideias para o projeto, e o professor que desejar utilizar desta metodologia, precisa analisar anteriormente as possibilidades de avaliação das ideias que os alunos podem oferecer, pois um dos riscos de se utilizar essa metodologia é a dispersão do tema da aula, afinal se o professor não estiver preparado para controlar a aparição das ideias apresentadas pelos alunos, o tema da aula pode permanecer no campo da mera opinião e não gerar conhecimento.

4.3.2.2 Metodologia de Pesquisa

“O Educar pela Pesquisa caracteriza-se como uma metodologia ativa por propiciar condições para a atuação protagonista e autônoma do discente no percurso de sua aprendizagem” (VENTURA, 2020, p.2). Atitudes como iniciativa, a busca por materiais e a sua montagem, manipulação e experimentação, viabilizam o confronto entre as informações disponíveis, oportunizando ao aluno selecionar o que melhor lhe convém para a elaboração própria do que deseja aprender.

Se o aluno é tido como o personagem principal das metodologias ativas, o aprender pela pesquisa perpassa o ato curioso de ir em busca de responder algo solicitado pelo professor e, quando se tem objetivos claros e definidos pelo próprio aluno, vai além da mera curiosidade de conhecer ao pesquisar, pois esse processo, que passa da busca aleatória para a de teor centrado, mobiliza o aluno a sair de sua posição inicial, favorecendo seu processo de aprendizagem.

Para a realização desta metodologia o primeiro pressuposto é providenciar um ambiente positivo, ou seja, favorável à participação, envolvimento, comunicação fácil e que seja motivador. E depois buscar o equilíbrio entre trabalho individual e coletivo, para isso o professor precisa analisar a personalidade dos alunos que ele irá oferecer essa metodologia, pois analisar o perfil de trabalho em grupo ou individual buscando o melhor ambiente para a pesquisa e análise dos termos encontrados nos textos.

O professor deve estimular o aluno a procurar não apenas no material que o professor ofereceu impresso, mas também nos livros didáticos da instituição, links, vídeos, dados e informações de qualquer natureza, sendo papel do docente o de extinguir o fornecimento de tudo pronto, fomentando a iniciativa do discente. O aluno será incentivado a fazer interpretações próprias, exigindo do educando certa autonomia para interpretar e refazer os achados por meio da pesquisa. E finalizado a pesquisa nos

materiais, o aluno deve apresentar ao professor o que ele conseguiu redigir e concluir de sua pesquisa.

4.3.2.3 Metodologia de Problema

A aprendizagem baseada em problema (ABP) prepara os alunos para o “desenvolvimento de habilidades de solução de problemas, o que significava pensar em formá-los para que fossem capazes de formular e comprovar hipóteses por meio da aquisição de informação adicional e necessária” (MATTAR, 2018, p.)

Em 1969, a Faculdade de Medicina da Universidade McMaster introduziu uma abordagem específica e prática para aprender medicina, denominada Aprendizagem Baseada em Problemas. Essa metodologia surgiu no campo das ciências biológicas e hoje pode ser utilizada nas diferentes áreas da educação. O objetivo da aprendizagem não é resolver o problema que foi apresentado, mas em vez disso, o problema é usado para ajudar os alunos a identificarem suas próprias necessidades de aprendizagem, à medida que tentam entendê-lo, reunir, sintetizar e aplicar informações ao problema e começar a trabalhar efetivamente para aprender dos membros do grupo e dos tutores.

Um problema ideal, a ser aplicado conforme a ABP, deve ser relevante para a aprendizagem de variados tipos de conhecimento que o aluno precisa adquirir ao longo de sua formação; ser pertinente para o aluno a ponto dele poder relacioná-lo a aspectos reais de sua vida e experiências; e ser complexo, isto é, responder à complexidade e diversidade de práticas, abordagens e perspectivas sobre o tema ou a situação real em discussão.

Primeiro o aluno deve identificar o problema e seus fatores relevantes com base na informação disponível inicialmente; depois apresentar o problema como aberto a diferentes visões, que serão discutidas a fim de se chegar a suposições e representações do problema, além de apresentar possíveis explicações, considerando-se o conhecimento inicial e soluções hipotéticas que serão investigadas ao longo do processo. É importante que o aluno pesquise as informações e depois sintetize sua pesquisa em esquemas para a apresentação.

Não há uma forma rígida e única de concretizar a proposta pedagógica baseada na ABP, mas alguns princípios devem ser observados: a aprendizagem centrada no aluno, a situação problema como centro organizador da proposta pedagógica e estímulo para o aluno buscar conhecimento, os alunos como elaboradores de soluções e participantes ativos do processo de gerar ideias novas e compartilhá-las com os demais

e os professores como facilitadores ou guias do desenvolvimento do trabalho dos estudantes. A ABP incita o trabalho criativo do professor, preocupado não apenas com o “que”, mas, essencialmente, com o ‘por que’ e o ‘como’ o estudante aprende”.

É importante destacar que a metodologia de pesquisa é diferente da metodologia de problematização, pois esta pressupõe a observação da realidade social e concreta, com base em um tema, a qual conduzirá à redação do problema que será referência para as demais etapas, e a aplicação à realidade, por meio da qual os alunos exercitam o compromisso com o contexto social em que estão inseridos e buscam transformá-lo. Assim, a problematização será um reflexo dos dias atuais e procurará uma solução para aquele problema, já a metodologia de pesquisa não pressupõe que haja solução para os problemas encontrados no ato da pesquisa.

4.3.2.4 Aula expositiva dialogada

A metodologia de exposição dialogada é um dos instrumentos integradores do conhecimento, entre aluno e professor, principalmente na educação superior, na qual atua como facilitador dos completos textos e pesquisa que o graduando precisa compreender.

A aula expositiva dialogada requerer maior cuidado do professor para executá-la, pois o professor pode apresentar a pesquisa que atualmente se encontra engajado, ou apresentar o estudo dirigido de determinados textos, por exemplo, no curso de Filosofia, a aula expositiva dialogada é importantíssima para que o professor conduza a exposição de argumentos enfrentados na história da filosofia. Sendo assim, esta metodologia promove certa eficiência no processo de ensino e aprendizagem, na educação superior.

A metodologia expositiva possui inspiração teórica na concepção tradicional de educação, cujas origens remontam ao modelo jesuítico de ensino, presente desde o início da colonização do Brasil pelos portugueses. Esse modelo seguia três passos básicos na aula: seleção dos conteúdos pelo professor, levantamento de dúvidas dos alunos e exercícios para fixação/memorização dos assuntos (ANASTASIOU, 2004). Segundo a autora, há um hábito por parte dos professores universitários de trabalhar prioritariamente com a exposição do conteúdo, em aulas expositivas/palestras, visando à passagem da informação. A aula dialogada expositiva possui relação com a educação tradicional, mas também possui a adição das características da metodologia ativa, pois

pressupõe que o aluno através da observação da exposição, possa posteriormente recriar a mesma exposição.

4.3.2.5 Recursos didáticos

Livro didático SAS (Sistema Ari de Sá). Computador. Projetor de multimídia (datashow). Livros e textos complementares. Vídeos/filmes You Tube. Música. Quadro, giz ou pincel. Acesso à internet.

4.3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DE CASO

Foi concluído satisfatoriamente a execução das aulas com o tema “Sobre as noções de ser e substância na Metafísica Aristotélica”, nos dois níveis apresentados, ensino médio e ensino superior. Os conteúdos foram minimamente introduzidos, revisados, aprendidos e também despertaram curiosidade entre os alunos do ensino médio.

A maior dificuldade apresentada no nível de ensino superior é a necessidade da leitura prévia das passagens selecionadas para que o aluno possa acompanhar o raciocínio que a professora oferece na exposição. Já no nível de ensino médio, a maior dificuldade foi a articulação dos termos envolvendo a discussão para que o aluno possa transpor para o seu dia-a-dia o conteúdo da filosofia aristotélica, mas a utilização de audiovisual, e as considerações da professora, auxiliaram a interpretação do tema e abriram a discussão em grupo para novos conceitos que não eram conhecidos até aquele momento, sendo assim pudemos observar que através do interesse e fascínio dos alunos pelo tema, ocorreu o despertar filosófico.

4.4 ESQUEMATIZAÇÃO DAS AULAS

1º Bimestre - Filosofia Antiga

Aula 1: Origem da Filosofia e Grécia

Aula 2: Atitude filosófica: Sócrates

Aula 3: A influência de Platão e Aristóteles na Filosofia ocidental

Aula 4: Platão e a teoria das ideias

Aula 5: Platão e a alegoria da caverna

Aula 6: Ética e moral

Aula 7: Aristóteles e Metafísica: parte 1 (apresentada no estudo de caso)

Aula 8: Aristóteles e Metafísica: parte 2 (apresentada no estudo de caso)

Aula 9: Avaliação escrita

2º Bimestre - Filosofia Moderna e temáticas

Aula 10: Sujeito e objeto do conhecimento

Aula 11: Descartes e o método cartesiano

Aula 12: Sentidos, razão, realidade e experiência

Aula 13: Simulado SAS

Aula 14: Kant e o fenômeno

Aula 15: Beethoven e Hegel: a dialética das sonatas

Aula 16: Liberdade: Teoria e prática

Aula 17: Direitos humanos e sociais com felicidade

Aula 18: Avaliação escrita

3º Bimestre - Filosofia Política

Aula 19: Regimes políticos

Aula 20: Religião e democracia; o que é laicidade?

Aula 21: Ideologia

Aula 22: O Contrato Social: Thomas Hobbes

Aula 23: Simulado SAS

Aula 24: O Contrato Social: Jonh Locke

Aula 25: O Contrato Social: Jean Jacques Rosseau

Aula 26: O indivíduo e a sociedade hoje

Aula 27: Avaliação escrita

4º Bimestre - Aulas temáticas e sociais

Aula 28: Bioética: limpeza urbana e as varredoras de Lavras

Aula 29: Feminismo e movimentos sociais

Aula 30: Ser social: Gênero, respeito e tolerância

Aula 31: Utilitarismo

Aula 32: Quem é você enquanto cidadão de Lavras? O eu moderno e o eu grego

Aula 33: Aprenda a morrer

Aula 34: Revisão de conteúdos

Aula 35: Avaliação escrita

Aula 36: Café filosófico temático

4.4.1 OBJETIVO DAS AULAS PROPOSTAS

1º Bimestre - Filosofia Antiga

Aula 1: Origem da Filosofia e Grécia

O objetivo desta primeira aula é discutir a origem da Filosofia e contextualizar sobre a passagem do pensamento mítico-religioso ao pensamento filosófico-científico, apresentando a figura do filósofo e seu estudo sobre o cosmos.

Aula 2: Atitude filosófica: Sócrates

Nesta aula veremos o embate entre os sofistas e Sócrates. A busca pelo amor pela sabedoria e o conhecer a ti mesmo. Os alunos serão instigados a argumentar para defender suas ideias, e juntamente com recortes do julgamento de Sócrates, é apresentada a atitude filosófica.

Aula 3: A influência de Platão e Aristóteles na Filosofia ocidental

O objetivo desta aula é discutir sobre a problemática do conhecimento, a saber, como conhecemos algo, qual o método, e quais instrumentos devem ser utilizados para conhecer algo. Também são introduzidos os regimes políticos: democracia, monarquia e aristocracia, e depois é apresentado como os filósofos Platão e Aristóteles influenciaram a discussão filosófica posterior.

Aula 4: Platão e a teoria das ideias

Pretende-se com essa aula apresentar a teoria das ideias de Platão, discutindo sobre ideias inatas, e pensar a possibilidade da existência de dois mundos: sensível e inteligível.

Aula 5: Platão e a alegoria da caverna

Nesta aula será feita uma atividade lúdica de recriação da alegoria da caverna (Livro VII da República) com os alunos, e pretende-se com essa aula compreender o que Platão queria dizer com a sua alegoria, qual a relação dessa alegoria com a realidade que cerca os alunos e como o conhecimento pode ajudá-los.

Aula 6: Ética e moral

Nesta aula é apresentado a origem e significado da palavra “moral” e da palavra “ética”. Alguns recortes do livro *Ética Nicomaqueia* de Aristóteles são utilizados para discutirmos a noção de virtude e também a ideia de felicidade vinculada a atitude de cidadão na época de Aristóteles e hoje em dia na comunidade lavrense.

Aula 7: Aristóteles e Metafísica: parte 1 (apresentada no estudo de caso)

Esta aula é iniciada com a metodologia ativa de brainstorming, como foi discutido na sessão de *Estudo de caso*, são apresentados os termos “ser” e “sustância”. E com a

utilização de recursos audiovisuais para elucidar o tema, os alunos podem observar a diferença entre o mundo das Ideias de Platão e a matéria para Aristóteles.

Aula 8: Aristóteles e Metafísica: parte 2 (apresentada no estudo de caso)

Na segunda aula separada para este tema, é oferecido aos alunos oferecidos textos para que possam pesquisar “o que é o ser e a substância dentro do universo aristotélico”. Após realizada a pesquisa, são apresentados os problemas encontrados e com o auxílio do quadro montamos um mapa conceitual com as ideias e adaptamos o significado, quando necessário, que Aristóteles oferece para esses termos, para os dias atuais.

Aula 9: Avaliação escrita

Avaliação escrita sem consulta para avaliar se os conteúdos foram absorvidos pelos alunos.

2º Bimestre - Filosofia Moderna e temáticas

Iniciamos neste segundo bimestre a filosofia moderna, e a partir de uma sequência de aulas conectadas umas com as outras pretende-se abarcar as escolas filosóficas do empirismo e racionalismo.

Aula 10: Sujeito e objeto do conhecimento

Nesta aula inicial do segundo bimestre com o tema de Filosofia Moderna é levantado a diferença entre as questões do mundo antigo em comparação com o movimento do pensamento moderno. É apresentado o avanço das ciências matemáticas e da física. E é apresentado o filósofo Descartes e lemos algumas passagens do livro *Meditações metafísicas*.

Aula 11: Descartes e o método cartesiano

Pretende-se com esta aula uma continuidade da aula anterior para dar uma atenção maior ao filósofo René Descartes e apresentar a originalidade do seu pensamento e como ele influenciou a história da filosofia com o seu método cartesiano. E abrimos um espaço para algumas questões sobre a dúvida absoluta para incentivar os alunos a se questionarem sobre o que eles consideram como verdades absolutas.

Aula 12: Sentidos, razão, realidade e experiência

Propõe-se com essa aula uma continuidade da aula anterior, questionando sobre os hábitos e apresentando o empirismo como escola filosófica em comparação com os racionalistas. O filósofo David Hume é apresentado e estudamos sobre impressões, hábitos e causas. Um breve comparativo entre as causas aristotélicas é feito.

Aula 13: Simulado SAS

Aula destinada a realização do simulado ENEM exigido pela instituição. O simulado ocorre semestralmente.

Aula 14: Kant e o fenômeno

Nesta aula apresentamos a filosofia Kantiana e abordamos conceitos de classificação do pensamento em proposições analíticas e sintéticas. E também analisamos como conhecemos os objetos, tanto o fenômeno quanto o objeto em si.

Aula 15: Beethoven e Hegel: a dialética das sonatas

Esta aula possui o objetivo geral de apresentar a filosofia alemã de Hegel de modo temático para os alunos se aproximarem da dialética hegeliana. E como objetivos específicos: Conseguir, minimamente, dissertar sobre dialética e aplicá-la ao cotidiano do aluno. Esta aula já foi testada no ensino médio e teve grande aceitação por parte dos alunos. O conteúdo desta aula propõe uma análise das obras de Beethoven mostra que sua música sempre se move por um conflito, por uma contradição interna. Os compositores antes de Beethoven escreviam partes calmas e partes agitadas, mas completamente separadas. Beethoven, ao contrário, passa rapidamente de uma à outra, lhe conferindo uma tensão que exige uma solução. A sonata, especificamente, tem uma forma básica com uma linha de desenvolvimento A-B-A, chamados na linguagem musical de exposição, desenvolvimento e recapitulação. Isso é, parte-se de um tema A, passando por B e retorna-se a A, mas em um nível mais elevado. Isso é um conceito dialético. “De maneira semelhante como, em certo sentido, só existe a filosofia hegeliana, também só existe Beethoven na história da música ocidental” (Adorno, “Beethoven”). Adorno via as categorias da filosofia hegeliana presentes também na estrutura da música de Beethoven, como mostra este trecho: “A relação especial entre os sistemas de Hegel e de Beethoven é que essa unidade do todo só pode ser apreendida como mediada” (Adorno, “Beethoven”).

A metodologia utilizada para esta aula propõe grande interação dos alunos. Nos primeiros minutos de aula será selecionado um aluno para atuar como “consciência” e o restante da sala atuará como “nós”. A atividade que segue será uma grande reprodução do primeiro capítulo da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, e os alunos irão atuar nos seus papéis de “para a consciência” e “para nós”. O objeto sensível utilizado será uma cadeira e o aluno escolhido como “consciência” atuará no conhecimento desse objeto, depois de si mesmo, e por fim, compreendendo que o conhecimento verdadeiro está nós dois polos juntos, sujeito e objeto. Toda a interação dos alunos acontecerá com os slides no plano de fundo direcionando a atuação, após essa atividade será apresentado a 5º

sonata de Beethoven, e o mesmo aluno que atuou como consciência, agora atua como maestro e define os movimentos da sala. Toda a atividade é pensada de modo a atrair a atenção da turma. Depois da música, analisamos quais os trechos da sonata que atuam como a dialética hegeliana. Dada a dificuldade do texto *Fenomenologia do espírito* de Hegel, o presente plano de aula pretende introduzir a discussão hegeliana no ensino médio através da ajuda musical de Beethoven. Utilizando da música e interações entre os alunos para facilitar a aceitação e compreensão do tema.

Como recurso didático para esta aula é necessário apresentação de slides com os textos e utilização do YouTube para apresentar a 5ª sonata de Beethoven.

Aula 16: Liberdade: Teoria e prática

Pretende-se com esta aula questionar o sentido da existência de modo temático e para isso estudaremos o conceito de Liberdade dentro do campo da filosofia utilizando o existencialismo do francês Jean-Paul Sartre e a teoria ética de Aristóteles.

Aula 17: Direitos humanos e sociais com felicidade

Pretende-se com essa aula abarcar os Direitos Humanos de modo temático. É apresentado brevemente os Direitos Humanos aos alunos, e relacionar a Declaração dos Direitos Humanos (1948) com a luta pelo direito à educação, para que os alunos entendam minimamente como a educação se relaciona ao direito de ser humano dentro da visão de mundo de cada aluno. E após a apresentação dos Direitos Humanos e a sua relação com a educação, os alunos serão convidados a filosofar sobre suas próprias vidas e compará-las com as vidas dos colegas para que juntos possam refletir se ainda há direitos humanos que não estão escritos na Declaração Universal. E por fim os alunos são questionados se a palavra “felicidade” deve ser acrescentada ao artigo quinto dos Direitos Humanos que discorre sobre os direitos legais de todo cidadão.

Aula 18: Avaliação escrita

Avaliação escrita sem consulta para avaliar se os conteúdos foram absorvidos pelos alunos.

3º Bimestre - Filosofia Política

Aula 19: Regimes políticos

Nesta aula estudamos os conceitos de liberalismo e neoliberalismo, como também socialismo e anarquismo. Recursos audiovisuais devem ser aproveitados nesta aula para melhor compreensão dos regimes políticos

Aula 20: Religião e democracia; o que é laicidade?

O objetivo desta aula é entender o conceito de laicidade, ou seja, a separação do Estado e da Igreja. E para isso apresentamos brevemente o filósofo John Locke e sua filosofia da tolerância.

Aula 21: Ideologia

Nesta aula estudamos o que é Ideologia e apresentamos o filósofo alemão Karl Marx e sua filosofia de luta de classe juntamente com a apresentação da filósofa Marilena Chauí e suas considerações sobre o mecanismo ideológico.

Aula 22: O Contrato Social: Thomas Hobbes

O objetivo desta aula é analisar a filosofia e o contrato social de Thomas Hobbes, e analisar que ele contrariou o pensamento político clássico de Aristóteles, fundamentado na ideia de uma natureza humana racional e virtuosa, bem como na teoria de que somos animais políticos. Pois, ao contrário de Aristóteles, para Hobbes, o Estado Civil é uma associação humana histórica e artificial, ou seja, o homem não é sociável por natureza.

Aula 23: Simulado SAS

Aula destinada a realização do simulado ENEM exigido pela instituição. O simulado ocorre semestralmente.

Aula 24: O Contrato Social: Jonh Locke

O objetivo desta aula é trazer para os alunos como foi mobilizado o pensamento político de Jonh Locke e o seu contrato social. Assim como Hobbes, Locke também parte do estado de natureza para elaborar sua teoria acerca dos motivos que impeliram o ser humano a instituir o Estado civil. Locke está de acordo com Hobbes na concepção de que o estado de natureza era marcado pela liberdade e igualdade.

Aula 25: O Contrato Social: Jean Jacques Rousseau

Nesta aula é apresentado a política de Rousseau e seu contrato social. É mostrado que ao contrário de Hobbes e Locke, para Rousseau, o ser humano não é naturalmente mau, nem tende a ser bom, ele é naturalmente bom (o bom selvagem).

Aula 26: O indivíduo e a sociedade hoje

A partir das aulas anteriores, nas quais foi apresentado a filosofia de Karl Marx e o contrato social na visão de Hobbes, Locke e Rousseau. É apresentado aos alunos uma atividade de debate para discutirmos o sobre indivíduo e a sociedade hoje a partir das noções de contrato social e questionarmos sobre qual é o contrato social imposto hoje através das redes sociais.

Aula 27: Avaliação escrita

Avaliação escrita sem consulta para avaliar se os conteúdos foram absorvidos pelos alunos.

4º Bimestre - Aulas temáticas e sociais

Aula 28: Bioética: limpeza urbana e as varredeiras de Lavras

Nesta aula é apresentado aos alunos uma entrevista com as varredeiras de Lavras realizada pelos alunos do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Lavras (UFLA), encontrada no link:

- [Projeto integrador II: Meio Ambiente e Sustentabilidade - YouTube](#)

E juntamente com essa entrevista é apresentados conceitos de bioética e reflexões sobre o futuro do meio ambiente na cidade de Lavras.

Aula 29: Feminismo e movimentos sociais

Pretende-se com esta aula estudar o que é o feminismo e como ele surge na história da filosofia, para isso estudamos a filósofa Simone de Beauvoir e recortes de seu texto *O Segundo Sexo*.

Aula 30: Ser social: Gênero, respeito e tolerância

O objetivo desta aula é apresentar o conceito de gênero, respeito e tolerância nos movimentos sociais existentes atualmente.

Aula 31: Utilitarismo

Nesta aula é apresentado os conceitos básicos do utilitarismo, como o princípio de utilidade, o cálculo utilitarista e algumas críticas que essa teoria recebeu. Para isso, movimentamos o pensamento de Bentham e Stuart Mill.

Aula 32: Quem é você enquanto cidadão de Lavras? O eu moderno e o eu grego

Pretende-se com essa aula questionar de modo temático os alunos sobre o que responder quando nos deparamos com a pergunta “quem é você?” Se optarmos por responder informando nossa profissão, por exemplo, sou João professor, isto impacta positivamente em quem nós somos? O intuito com essa aula é instigar nos alunos questões que os façam refletir sobre quem eles são, e se para saber quem eles são é necessário que o outro diga, como ocorria no mundo grego, ou se o próprio aluno em seu interior pode dizer quem ele é. Em comparação com o oráculo de Delfos, quem assumiu esse papel no mundo moderno?

Aula 33: Aprenda a morrer

Esta aula é inspirada no capítulo oito do livro didático: MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução a filosofia*, 1993. Com algumas modificações transitando o tema entre morte e vida, e adicionando alguns recursos visuais para que a discussão flua

dialeticamente entre vida e morte. O objetivo geral desta aula é aprender minimamente os conceitos de vida e morte entre os filósofos selecionados para uma breve história do conceito morte. E como conteúdo para este tema devemos refletir que pensar na morte nos faz refletir sobre a vida, e utilizando a morte como enigma analisaremos o tabu da morte e refletiremos se após aprender a morrer, será possível aprender a viver? Primeiramente começamos com um trecho do filme “Coco – a vida é uma festa”, e depois seguiremos com trechos do *Enchiridion* (Manual) de Epicteto e após toda essa exposição finalizada, iniciaremos um diálogo entre os alunos sobre o tema.

Aula 34: Revisão de conteúdos

Esta aula é dedicada a esclarecer eventuais dúvidas e realizar uma síntese de tudo que foi estudado até o momento.

Aula 35: Avaliação escrita

Avaliação escrita sem consulta para avaliar se os conteúdos foram absorvidos pelos alunos.

Aula 36: Café filosófico temático

Esta última aula do ano é dedicada para uma atividade coletiva de café filosófico, no qual os alunos entram em debate e discutem como eles podem conhecer algo hoje, cada um em sua realidade socioeconômica e utilizando todos os conteúdos de filosofia aprendidos ao longo do ano, os alunos são convidados a defender suas ideias baseando-as na biografia estudada durante as aulas anteriores. Para incentivar a participação de todos, é oferecido um lanche em comemoração ao final do ano letivo.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Plano de Curso deve ser alinhado com o Plano Curricular da Escola, notadamente com a área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, para isso, este plano de curso seguiu as orientações do material didático SAS, juntamente com a bibliografia secundária, baseando-se nas experiências vivenciadas no estágio presencial no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, localizado em Lavras/MG. O conteúdo e os objetivos das aulas devem atender aos requisitos curriculares e desenvolver as habilidades e competências que serão importantes para os discentes, sempre tendo em mente que o Plano de Curso pode sofrer alterações ao longo do ano letivo, pensando na qualidade das aulas ministradas.

4.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. *Beethoven, the philosophy of music*. Polity Press, 1998

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

BORGES T. S.; ALENCAR, G. **Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior**. Cairu, Ano 03, nº 04, p. 1 19-143, jul/ago 2014.

DIESEL; BALDEZ; MARTINS. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema, 2017. Volume 14, Nº 1.

HEGEL, G. *Fenomenologia do espírito*. Editora Vozes, ed. 9º, 2014.

GÓMEZ, Á. I. P. **Educação na era digital: a escola educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015. E-book.

GRANADO, Graziane Correa da Silva. **Brainstorming e a aplicação do modelo clássico**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 10, Vol. 18, pp. 05-20. Outubro de 2020.

LOVATO, F. L.; MICHELOTTI, A.; DA SILVA LORETO, E. L. **Metodologias Ativas de Aprendizagem: Uma Breve Revisão**. Acta Scientiae, v. 20, n. 2, 15 maio 2018.

MATTAR, João; AGUIAR, Andrea Pisan Soares. **[Metodologias ativas: Aprendizagem Baseada em Problemas, problematização e método do caso](#)**. *Brazilian Journal of Education, Technology and Society (BRAJETS)*, v. 11, n. 3, p. 404-415, 2018.

SÁ, A. Material didático.

SANTOS, Danielle Fernandes Amaro dos; CASTAMAN, Ana Sara. **Metodologias ativas: uma breve apresentação conceitual e de seus métodos**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 334-357, jan./abr. 2022.

VENTURA, P. **Quando o educar pela pesquisa se torna uma metodologia ativa.**

Instituto de educação, Ciência e tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza, Ceará, Brasil, 2020.

WELTER, R. B.; FOLETTTO, D. DA S.; BORTOLUZZI, V. I. **Metodologias ativas:**

uma possibilidade para o multiletramento dos estudantes. Research, Society and Development, v. 9, n. 1, p. e106911664, 1 jan. 2020.